

CONTRATO: SERVIÇOS DE CONSULTORIA PARA SUPORTE TÉCNICO E SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DO RISCO ASSOCIADO À MUDANÇA DO CLIMA NO FINANCIAMENTO DE PROJETOS DE INVESTIMENTO.

P3: ROTEIRO METODOLÓGICO DE *BENCHMARKING*

CONSULTOR: ALEXANDRE GROSS

AGOSTO DE 2018

INTRODUÇÃO

O presente relatório compõe a primeira parte do bloco de atividades de *BENCHMARKING*¹, a qual objetiva *organizar e facilitar a realização de medidas de benchmarking que permitam conhecer as metodologias de análise de risco climático em projetos financiados por instituições financeiras multilaterais e bancos de desenvolvimento.*

Este roteiro metodológico, que precede o Produto 5 - Relatório com Resultados do *Benchmarking*, visa

- fornecer uma análise prévia sistematizada da informação levantada de instituições financeiras de interesse, inclusive apontando sua disponibilidade ou não;
- gerar uma primeira base documental;
- levantar possíveis contatos para a próxima etapa de entrevistas e conversas;
- fornecer insumos às contrapartes do projeto sobre as instituições e seus instrumentos para a mesma escolher os contatos de interesse;
- fornecer insumos às contrapartes para guiar as possíveis conversas/entrevistas subsequentes.

O relatório descreve inicialmente a metodologia, as instituições escolhidas e uma estrutura de análise das iniciativas (aspectos institucionais, técnicos e processuais) e um breve roteiro para encaminhar as entrevistas. Por conseguinte, apresenta uma análise prévia geral seguida de cada instituição avaliada nesta fase, levantando aspectos de interesse para o projeto, assim como possíveis contatos.

METODOLOGIA

As informações para o *benchmarking* serão coletadas a partir de pesquisa documental e de entrevistas:

- **Pesquisa documental:**
 - **Bibliografia especializada:** pesquisa documental inclui bibliografia direcionada à análise de ferramentas aplicadas à risco climático de maneira transversal, como análises comparativas e estudos abrangentes sobre métodos e ferramentas. Objetiva:
 - Dar elementos para a estrutura da análise;
 - Visão geral das ferramentas usadas e por quem;
 - Encontrar sínteses e lições aprendidas por elas (desenvolvimento, aplicação).
 - **Publicações técnicas das iniciativas e ferramentas selecionadas:** manuais, sites e publicações (disponíveis publicamente) sobre ferramentas usadas pelos bancos e instituições selecionados. Objetiva: alimentar previamente a estrutura de análise com informações públicas.
- **Entrevistas:** conversas com especialistas da área, em especial dos bancos selecionados. Objetiva: aprofundar informações não capturadas pela pesquisa documental, em especial as que dizem respeito à procedimentos internos e informações não divulgadas. As entrevistas em si não compõem este produto, e serão consideradas no Produto 5.

Documentação: a fim de permitir a rastreabilidade da informação identificada durante a pesquisa, será gerada uma base de dados da documentação revisada. Será em formato MS Excel e registrará informações (disponíveis) como: Título do documento | Data/ano de publicação | Autor, Organização/Instituição | Fonte | Tipo de documento | Sumário (ou palavras-chave) | Comentários - mensagens gerais sobre o conteúdo do documento relevantes ao projeto | Contatos do documento

¹ Processo destinado a melhorar o desempenho e os procedimentos de uma empresa, baseado na avaliação e comparação de desempenho e procedimentos de outras empresas.

ANÁLISE PRÉVIA

A análise prévia se baseia na busca e análise inicial de documentação pública de algumas iniciativas selecionadas. Ela objetiva:

- Gerar os primeiros insumos à pesquisa;
- Alimentar banco de dados final do *benchmarking*;
- Levantar contatos das iniciativas de interesse para a fase de entrevistas;
- Consolidar a estrutura de análise e promover uma revisão crítica da mesma para a sequência.

INICIATIVAS DA ANÁLISE PRÉVIA

A partir de revisão prévia da literatura e percepção dos participantes do projeto e levando em consideração sua relevância e protagonismo no tema, a análise prévia abará:

- **WB - BANCO MUNDIAL/WORLD BANK;**
- **ADB - ASIAN DEVELOPMENT BANK;**
- **AFDB - AFRICAN DEVELOPMENT BANK;**
- **EIB - EUROPEAN INVESTMENT BANK;**
- **BID - INTERAMERICAN DEVELOPMENT BANK;**
- **KFW - KFW DEVELOPMENT BANK.**

A seção **ANÁLISE PRÉVIA POR INSTITUIÇÃO** apresenta uma seção com os resultados iniciais para cada banco.

Outras iniciativas levantadas pela equipe de projeto durante a elaboração do presente roteiro, e que serão, portanto, consideradas no Produto 5 - Relatório com Resultados do *Benchmarking* incluem:

- **IFC – INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION**
- **GREEN INVESTMENT BANK**
- **GREEN GUIDELINES FOR THE BELT AND ROAD INITIATIVE**

ESTRUTURA DE ANÁLISE (ORIENTADORA)

A análise buscou, na medida do possível, se estruturar em torno de três dimensões/aspectos:

- **Aspectos Organizacionais / Institucionais**
- **Aspectos Técnicos**
- **Aspectos Processuais**

Buscou-se explorar cada dimensão através de perguntas norteadoras. Como esperado, as perguntas não foram, em grande parte, respondidas, sobretudo nesta análise prévia que conta somente com pesquisa documental pública.

- **ASPECTOS ORGANIZACIONAIS / INSTITUCIONAIS**
 - Quais as motivações para incorporar análise de risco climático? **Objetivos?**
 - Quais motivações para ter uma ferramenta?
 - **Qual a natureza da análise: mandatória/compliance/voluntária?**
 - Quais os usuários e aplicação pretendidos?
 - Qual histórico de adoção? Impacto que teve na organização?
 - Fatores de sucesso? Lições aprendidas? Desafios de internalização?

- **ASPECTOS TÉCNICOS**

- **Qual o escopo da análise?** À que se aplica a análise (objeto de análise)?
 - À quais tipos de projetos e/ou setores se aplica?
- Qual a **abrangência/limites (espacial, organizacional, temporal)**?
- **Análise é integrada com outras: sustentabilidade, ambiental, socioambiental?** Risco climático é dentro de algum procedimento (RSA) ou novo? Série e/ou paralelo?
- Faz **análise econômica**? Como?
- Qual **fase do ciclo de projeto** foca? (identificação, avaliação, desenho, implementação) (Plano, design, financiamento)
- Quais os resultados? Tipos de resultados?
- Ferramentas:
 - **Qual tipo de ferramenta?** Guia processual (Process Guidance tool)? De dados e informação (Data & information)?
 - **Qual fase da CRM ela abarca?**
 - **Há processo/ferramenta de *screening*/triagem, antes de análises mais detalhadas?** Qual o peso dela?
 - Critérios para ir para análise detalhada?
 - Qual é o **formato (material)**? Software, site, guia, passos,
 - **Quais fontes de informação?** Sobre clima: qual a profundidade delas? qual a fonte dessas infos? são tratadas? Projeções socioeconômicas? Tem padrão?
 - Usa outras ferramentas (de apoio, complementares)? Quais?
 - Como lida com a incerteza?
 - Parcerias?
 - Qual **expertise requisitada?** Equipe dedicada (tamanho)? Experts? Treinamento requerido/oferecido? Facilidade de uso? Requerimento computacional?
 - **Tempo requerido?** (por fase: *screening* x avaliação detalhada)
 - Output chave / Input chave

- **ASPECTOS PROCESSUAIS**

- Quais os incentivos ao uso?
- Qual a natureza da análise: mandatória/compliance/voluntária?
- Quais as **barreiras** ao uso?
- **Parcerias** estabelecidas (uso e desenvolvimento)?
- **Quem faz a análise?** Equipe interna, contratados, experts, proponente do projeto?
- Quais os procedimentos internos para validação/aprovação da análise? Da avaliação? Das opções/medidas?
- **Quais mecanismos de avaliação e controle de qualidade?**
- Como se dá o **registro** desses procedimentos?
- Ferramenta é pública? Porquê? Os resultados das análises são disponibilizados? Para quem?
- Como se dá (se existe) a incorporação de medidas de adaptação? Exigência após análise? Próprio banco constrói?
- Resultado da análise conclui em que tipo de recomendações: “mandatórias”, “recomendações” ou “melhores esforços”?

Como objetivo da própria análise prévia, a estrutura proposta deverá ser revisada e reformulada durante todo o andamento do *benchmarking*, buscando atender os objetivos do projeto.

Tipos de ferramentas (OECD 2011):

Ferramentas podem ser categorizadas de acordo com sua principal função:

Tipo 1 – Process Guidance - ferramentas de orientação de processo: guia usuário em um ou vários passos/etapas de processo. Incluem ferramentas de

- **Screening** (Triagem)- realizado para estabelecer relevância para as alterações climáticas e justifica uma análise mais aprofundada dos riscos climáticos,
- **Avaliação** (assessment) - um exame detalhado da natureza do risco climático e de possíveis estratégias de gestão de risco. Olha para a natureza do risco climático (avaliação), como pode ser gerido (análise) e busca conceber uma estratégia para isso (opções).

Tipo 2 – Data & Information - ferramentas de fornecimento de dados e informações: geram ou apresentam informações para uso em outras etapas

Tipo 3 - Knowledge Sharing- Ferramentas de compartilhamento de conhecimento: permitem aos usuários compartilhar conhecimentos e experiências que informarão e refinarão a adaptação.

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Escolha dos entrevistados

- Espera-se que a leitura na análise prévia das instituições, associada com a disponibilidade e facilidade dos contatos permita às contrapartes do projeto escolherem quais instituições serão por eles contatadas para entrevistas;
- Entre os critérios a serem considerados pelo grupo na escolha estão: maturidade, acesso às informações, facilidade de contato, relevância para a sequência do projeto IPACCII, entre outros.

Contatos

- Potenciais nomes e meios de contatos estão identificados em cada iniciativa analisada e procedem da revisão de literatura, assim como contatos fornecidos pelas contrapartes;
- O contato deverá ser institucional, devendo ser feito pelo Comitê Gestor do IPACCII em coordenação com o BNDES. Importante contextualizar o entrevistado e tentar compreender dele o que ele pode aportar;
- Todas entrevistas serão feitas por meio de videoconferências ou webinars. Há a possibilidade de alguma visita à Brasília, se necessário, no caso de alguma das experiências selecionadas for rica em detalhes.

Processo para entrevistas

- Uma vez marcada a entrevista:
 - Se possível, participantes (re)leem a análise prévia até o dia da entrevista;
 - Marca-se uma reunião de alinhamento com o grupo (40 min antes da entrevista);
 - O consultor prepara uma apresentação para o grupo. Conterá:
 - Resumo da análise prévia;
 - Proposta de perguntas-chave e tópicos a serem abordados com o entrevistado.
 - Alinha-se novos itens de interesse entre o grupo;
- A entrevista é conduzida por algum membro do comitê gestor, com apresentação do projeto e objetivos da conversa;
- O consultor sistematiza a entrevista:
 - Compartilha com o grupo para complementos e incorpora aspectos de interesse no Produto 5.

O ANEXO fornece uma *lista sugestiva de possíveis perguntas a serem feitas aos entrevistados*, a ser customizada caso a caso.

ANÁLISE PRÉVIA: CONCLUSÕES GERAIS E TRANSVERSAIS

Esta seção traz algumas notas e conclusões encontradas na literatura sobre o tema, em especial aquela direcionada à análise de ferramentas aplicadas à risco climático de maneira transversal, como análises comparativas e estudos abrangentes sobre métodos e ferramentas.

Recente estudo encomendado pela WWF à AECOM (2017), realizou revisão documental de padrões, ferramentas e métodos publicamente disponíveis usadas para avaliar a sustentabilidade e a resiliência climática dos projetos de desenvolvimento de infraestrutura de diversas instituições financeiras. Embora a revisão tenha ficado superficial em alguns aspectos e focado também em avaliações socioambientais e de sustentabilidade (o que abre bastante o escopo de análise e em alguns casos gerou confusões), é possível traçar algumas conclusões para o projeto:

As instituições revisadas no estudo: 1. Asian Development Bank (ADB) | 2. Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB) | 3. African Development Bank (AfDB) | 4. Agence Française de Développement (AFD) | 5. European Bank for Reconstruction and Development (EBRD) | 6. European Investment Bank (EIB) | 7. Inter-American Development Bank (IDB) | 8. KfW Development Bank (KfW) | 9. World Bank (including IBRD and IDA) | 10. International Finance Corporation (IFC) | 11. BREEAM Infrastructure | 12. CEEQUAL | 13. Green Guidelines for the Belt and Road Initiative (BRI) | 14. Envision® | 15. SuRe® Standard | 16. Equator Principles

- Avaliações de impacto socioambiental em projetos de infraestrutura não é novo: investidores, instituições financeiras internacionais, governos já pedem.
- Existem limitações na integração de sustentabilidade ambiental, riscos climáticos e resiliência. Existem requerimentos sobre riscos climáticos, mas as informações foram limitadas na pesquisa.
- A concepção dos projetos, em geral, passa pela fase de triagem (*screening*), que determina quais impactos socioambientais o projeto terá e, baseado em uma classificação, é encaminhado para uma avaliação mais detalhada ou não.
- Existem avanços com instituições criando guias, standards, ferramentas, métodos para triar (*screening*) sustentabilidade e risco climático. Ainda feito individualmente e com foco no projeto, as ferramentas são customizadas para próprio uso e com pouca colaboração com pares.
- Algumas instituições também usavam ferramentas de *screening* climático como parte da triagem inicial: **ADB e AfDB**.
- Algumas instituições adotam uma postura mais proativa dando suporte na concepção do projeto (trabalhando com os desenvolvedores de projeto no desenho): EBRD, EIB, IDB e World Bank – não necessariamente em clima, mas em E&S. (AECOM, 2017)

Comissão Europeia publicou um guia (2013) objetivando apoiar os desenvolvedores de ativos físicos e infraestrutura a incorporar resiliência à variabilidade climática atual e a MC futura em seus projetos. O guia aponta o papel das instituições financeiras, bancos comerciais e seguradoras como indutores do processo:

- Instituições financeiras membros do European Financing Institutions Working Group on Adaptation to Climate Change (EUFI WACC), cujos membros incluem European Commission, European Investment Bank (EIB), EBRD, l'Agence française de développement (AFD), KfW, Nordic Investment Bank (NIB) e o Council of Europe Development Bank (CEB) já estão integrando a gestão de riscos no seus processos de avaliação e monitoramento de *due diligence*.
- Outras instituições como International Finance Corporation (IFC), Asian Development Bank (ADB) e African Development Bank (AfDB) também estão integrando adaptação.
- Alguns bancos comerciais estão revisando seus processos de *due diligence* para riscos climáticos. Seguradoras têm observado aumento de perdas seguradas relacionadas a eventos climáticos e

estão ativamente pressionando por progresso na abordagem da adaptação e já começaram a institucionalizar a gestão de riscos climáticos em sua gestão de ativos.

Isso demonstra que desenvolvedores de projetos serão cada vez mais requisitados a demonstrar que riscos e vulnerabilidades climáticas foram considerados na concepção do projeto, além disso, que as medidas de resiliência foram incorporadas antes que os empréstimos e investimentos fossem aprovados. (EC, 2013)

ANÁLISE PRÉVIA POR INSTITUIÇÃO

AFRICAN DEVELOPMENT BANK (AFDB)

Principais aspectos de interesse para o projeto:

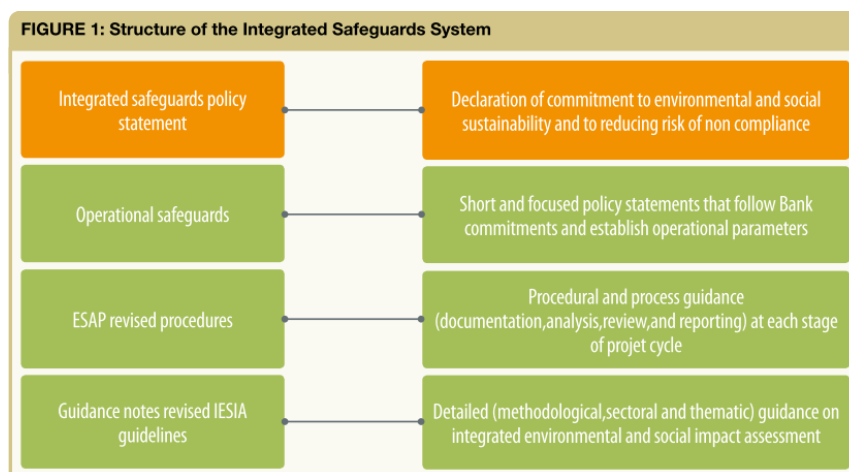
- Possui ferramenta de triagem (*screening*) e de avaliação (2009). É simples, mas só disponibiliza manual genérico e não disponibiliza o sistema e detalhes.
- A partir de meados de 2013 a ferramenta foi incorporada nas novas políticas de salvaguardas socioambientais – o processo, motivações e resultados dessa mudança podem ser de interesse.

Das salvaguardas climáticas para as salvaguardas socioambientais integradas - descrição geral

A principal documentação do banco que diz respeito a ferramentas de avaliação de risco climático é um manual (*booklet*) do seu *Climate Safeguards System* (CSS), de 2011. O documento define o CSS como “um conjunto de ferramentas e guias que permitem ao banco triar projetos em setores vulneráveis à MC e identificar medidas de adaptação para reduzir sua vulnerabilidade”. O CSS busca entregar objetivos do *Climate Risk Management and Adaptation Strategy* – CRMA (2009) e do *Climate Change Action Plan* - CCAP (este, aparentemente só tinha horizonte até 2014).

O manual do CSS, o qual será detalhado a seguir, data de 2011 e suas últimas menções mais específicas datam de 2012, embora o CSS ainda seja citado nas novas salvaguardas (*Safeguards*).

A partir de 2013, houve um esforço do banco em integrar todas políticas de salvaguardas socioambientais, gerando o *ISS- Integrated Safeguards System*, com suas últimas publicações datando de 2015. O ISS bebeu de outros sistemas e estratégias, dentre elas a CRMA. É composto por 4 componentes interligados:



Fonte: AFDB, 2013.

Cada componente possui um relatório detalhando seu conteúdo. Ao percorrer todos os componentes é possível perceber que o tema de mudança do clima, em particular **riscos e vulnerabilidades climáticas foi integrado transversalmente em todo o sistema**, sendo muito comum encontrar a expressão “impactos ambientais, da mudança do clima e sociais”. De fato, os documentos mencionam a integração do CSS (e sua temática) no ISS. Seguem alguns extratos onde clima é mencionado no ISS:

- **Geral:** *“The ISS recognises the challenge to development efforts brought about by climate variability and change, as development interventions interact with the physical and ecological environment. The ISS requires that Bank-sponsored projects be screened and categorised according to their vulnerability to the risks of climate change. The Bank’s new screening tool for climate change risk will support the ISS in addressing vulnerability to climate change and building adaptation measures into Bank operations.”*
- **Policy statements:** possui uma seção final intitulada *“Incorporating climate change into development efforts”*.
- **Operational Safeguard - OS 1: Environmental and Social Assessment:** *“OS1 sets out the Bank’s overarching requirements for borrowers or clients to identify, assess, and manage the potential environmental and social risks and impacts of a project, including climate change issues.*
 - Dentre seus requerimentos, consta *“Screening for climate change risk: The Bank screens projects for climate change risk using the Climate Safeguards System...and requires application of the Adaptation Review and Evaluation Procedures. The Adaptation Review and Evaluation Procedures should be mainstreamed into the project ESMP (plan).”*
- **Environmental and Social Assessment Procedures -ESAP:** possui uma nota na introdução e objetivos: *“...the Bank has introduced a Climate Safeguards System (CSS) to complement the IESIA and has also integrated the associated climate vulnerability and adaptation requirements and procedures into the ISS.”*

Por outro lado, não há mais muita menção explícita à avaliação de riscos climáticos nem como deve ser feita nos documentos, em especial nos mais procedimentais. Por exemplo, a própria categorização do projeto (triagem inicial) é feita por julgamento profissional e deve considerar, entre outros fatores, a vulnerabilidade do projeto aos efeitos do clima, mas não explicita mais como fazer e nem a menciona nos *checklists* de triagem (anexo das ESAP).

Assim, é possível imaginar que as CSS foram feitas e consolidadas e posteriormente incorporadas nas ISS. Já no seu lançamento pouco material foi disponibilizado, se resumindo ao *booklet* e um sistema disponível somente para gestores do banco. No ISS esse acesso se torna mais distante ainda, pulverizado numa miríade de procedimentos e documentações de avaliação socioambiental, não havendo nenhuma explicitamente para risco de clima, embora citada em todo o processo e projetos.

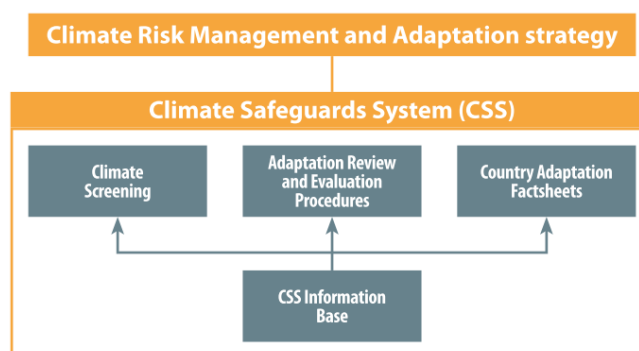
Levando esse contexto em consideração, a sequência analisa o CSS (material de 2011) e seus aspectos mais técnicos.

CLIMATE SAFEGUARDS SYSTEM (CSS)

Descrição geral: Para entregar sua estratégia em risco climático (CRMA), o banco, com apoio do GCAP², desenvolveu o CSS, “conjunto de ferramentas e guias que permitem ao banco triar projetos em setores vulneráveis à MC e identificar medidas de adaptação para reduzir sua vulnerabilidade”, lançado em 2011.

² GCAP- Global Climate Adaptation Partnership <https://www.climateadaptation.cc/>

É dividido em 4 módulos, sendo que o *booklet* aborda os dois primeiros: *Climate Screening* e as *Adaptation Review and Evaluation Procedures* (AREP) – foco da presente análise.



Fonte: AfDB, 2011.

Escopo de análise: setor público do banco nos setores de agricultura, recursos hídricos, energia e transporte [vale lembrar que esses setores foram selecionados para os pilotos. O subsequente ISS se aplica a todos projetos e setores do banco]

Fase/ Ciclo do projeto: se aplica nas fases de Identificação e Preparação do projeto

Fase do CRM que ela abarca: Triagem, Avaliação de risco, Análise de risco.

Responsabilidades: o banco é responsável por aplicar o *Screening* e a avaliação (AREP)

Quem aplica: os gestores e equipe de projeto do banco. O trabalho pode ser delegado para especialistas ambientais ou de mudança do clima do banco ou, para projetos de categoria 1 (mais vulneráveis), para consultores.

Expertise requisitada: gestores sem conhecimento prévio nem específico. Há um *helpdesk* disponível para usar o sistema. Para fases de avaliação é possível contatar especialistas ou contratar consultores em mudança do clima.

Fontes e formatos disponíveis: um documento guia/*booklet* (público) e uma plataforma web (restrita).

Exemplo de página do CSS:

Option Description	Score
<input type="radio"/> Water resource availability for irrigation is not relevant for the project	0
<input type="radio"/> Irrigation activities are planned in an area where rainfall exceeds evaporation throughout the year	10
<input type="radio"/> Irrigation activities are planned in an area with seasonal or variable rainfall distribution with medium to high evaporation	15
<input type="radio"/> Irrigation activities are planned in an area where sustained dry season with no rainfall and high evaporation occur	20

Fonte: AfDB, 2012

Integração com outras temáticas: como abordado na descrição inicial, aparentemente o CSS surgiu como uma ferramenta independente, mas foi incorporado pelo *Integrated Safeguards System-ISS*, que trata de toda política de salvaguardas socioambientais do banco.

Tipo de ferramenta: O *Climate Screening* e os *Adaptation Review and Evaluation Procedures* - AREP podem ser considerados *Processual Guidance Tools*, enquanto o *Country Adaptation Factsheets* e *CSS Information Base* podem ser considerados *data & Information Tools*.

PART 1: CLIMATE SCREENING

O objetivo dessa etapa é simplesmente classificar o projeto em uma categoria de risco e incluir seu resumo no *Project Concept Note* (PCN). Basicamente o analista entra num sistema online e preenche dados do projeto, responde às perguntas e o sistema categoriza o projeto. **Não tivemos acesso a esse formulário detalhado.**

Trigger: a depender da categoria a exigência de análise muda. Categoria 3 é voluntário fazer avaliação (AREP).

- Categoria 1: *projects may be very vulnerable to climate risk. Requires a detailed evaluation of climate change risks and adaptation measures. Comprehensive, practical risk management and adaptation measures should be integrated into the project design and implementation plans.*
- Categoria 2: *projects may be vulnerable to climate risk. Requires a review of climate change risks and adaptation measures. practical risk management and adaptation options should be integrated into the project design and implementation plans.*
- Categoria 3: *projects are not vulnerable to climate risk. A voluntary consideration of low cost risk management and adaptation measures is recommended, but no further action is required.*

Informação requerida: bom entendimento do projeto, algum conhecimento do setor e das instituições setoriais do país, e algum conhecimento do clima e geografia do país. Não é necessário conhecimento em mudança do clima nesta etapa.

PART 2: ADAPTATION REVIEW AND EVALUATION PROCEDURES (AREP)

Os processos desta etapa são mais ou menos elaborados a depender da categorização do projeto na fase anterior. Basicamente, o analista busca em uma lista preestabelecida componentes de adaptação que respondem ao projeto e a partir daí formula atividades de adaptação que ficarão registradas no PCN.

Informação requerida: todas do *Screening* (projeto, setor, país e geografia), mais algum conhecimento em mudança do clima. É requerido que o analista busque informações de mudança do clima no *CSS Information Base*. Algumas categorias e fases vão exigir um especialista interno e/ou consultor externo.

Outputs: a AREP gera:

- informações para o PCN (*Project Concept Note*): razões para adaptação e *TdR* para especialistas.
- Dados para base de informações (*Information Base*): relatório e avaliação de adaptação.
- Relatório interno: com recomendações, relatório de avaliação da adaptação e tabelas do projeto (*Result-based Framework*) com detalhes de resultados, saídas e atividades de adaptação.

Fluxograma/Passos da AREP (Exemplo para categoria 1, mais grave):

1. *Select adaptation purpose & components:* no Sistema o usuário escolhe em uma lista os motivos de adaptação e seus correspondentes componentes de adaptação. É uma lista pronta com a

qual o projeto é confrontado: o objetivo conversa com o projeto? Se sim, qual componente atende? Tem partes interessadas para liderar a adaptação?

2. *Select adaptation activities*: na categoria 1, é feito por especialistas a partir dos componentes de adaptação anteriormente identificados: stakeholder para liderar a ação, beneficiários, estimativa grosseira dos custos.
3. *Prepare ToR for further evaluation*
4. *Produce outputs for the PCN*
5. *Commission an expert Study*: buscar especialistas internos ou contratar consultores. Recebem login e senha do sistema.
6. *Produce AER and summary*: relatório de avaliação da adaptação (ERA) a partir de template com detalhamento de ações de adaptação, custos, viabilidade. Os dados são colocados no sistema e alimentam a base de informações.
7. *Determine project viability*: julgamento do banco.
8. *Produce outputs for project planning*: alimenta a documentação do projeto e revisa a matriz de resultados do mesmo: resultados, saídas, atividades, custos.

Tempo: *Screening* é rápido: menos de 3 horas e AREP depende da complexidade.

Outros comentários:

- Interessante notar que todos projetos (Categoria 3 é voluntário) após a triagem passam pelo passo 1 de *Select adaptation purpose & components*. É uma lista pronta de objetivos e componentes de adaptação, com a qual o projeto é confrontado: o objetivo conversa com o projeto? Se sim, qual componente atende? Tem partes interessadas para dar conta?...
- *Adaptation Evaluation Report* - ERA - pode ser feito por experts ou managers a depender da categoria – não parece ter um modelo muito rígido.
- *Booklet* é público / Plataforma online não é - consultores ganham login e senha
- Registro do processo e resultados é todo feito no sistema mesmo, quando não, faz parte dos passos incorporar resultados em outros componentes do projeto (como o PCN ou a base de informações do banco). Com os novos ISS, todos passos são registrados em um sistema de rastreamento com função de: repositório, rastreamento para gestão do projeto e acesso à informação (pelo público, resultado de um esforço do banco de dados abertos).

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROJETO:

- O CSS parece ser bem simples e fácil de utilizar, mas é preciso ter acesso ao sistema para entender melhor alguns aspectos operacionais de seu uso.
- Compreender o processo de incorporação da temática climática nas salvaguardas socioambientais, suas motivações, lacunas e resultados:
 - Ainda há uma avaliação separada de riscos climáticos? Porque? Até que nível?
 - Quais vantagens e desvantagens dessa integração?
 - O tema de risco climático perdeu importância ou tem sido mais considerado?
- Compreender quais os impactos do uso do CSS: mais um procedimento, alterou projetos de fato?
- Compreender o possível *trade-off* entre facilidade de uso do CSS e superficialidade das análises ou mais profundidade e detalhamento contra necessidade de expertise externa.

CONTATOS

- Departamento de mudança do clima: <https://www.afdb.org/en/topics-and-sectors/sectors/climate-change/climate-change-services-contacts/>
- As publicações fornecem contato institucional: climatechange@afdb.org
- Mrs Uzo Nwamarah, senior climate change specialist, AfDB - u.nwamarah@afdb.org
- Não foram encontrados mais nomes específicos e seus contatos
 - Uma apresentação de 2012 é assinada por Dr. Alexis RWABIZAMBUGA
 - Draft report do ISS de 2012 menciona:
 - Mr. S. MIZRAHI - Director
 - Mr. A. NYONG – Division Manager
 - Mr. M. DIOP - Chief Safeguard Policy Officer

ASIAN DEVELOPMENT BANK (ADB)

Pontos de interesse para o projeto:

- Evolução do tratamento do tema na instituição, incorporação como tema central e estratégico das ações do banco;
- Uso das ferramentas de triagem e avaliação de riscos climáticos.

Clima na estratégia do banco – resiliência proativa

O banco vem tratando o tema há alguns anos e foi um dos pioneiros em avaliar projetos com lentes climáticas, sendo o precursor do conceito *climate-proofing*. Tal conceito e suas ferramentas são as de maior interesse para o projeto IPACC e serão abordadas adiante. No entanto, é pertinente apontar a recente evolução do tema no banco sob um ponto de vista mais estratégico.

O banco lançou recentemente sua nova estratégia corporativa de longo-prazo, a *Strategy 2030*. Ela foca nas necessidades emergentes dos países da região: (i) eliminar pobreza, (ii) promover prosperidade, (iii) aumentar inclusão, (iv) fortalecer a sustentabilidade, e(v) **construir resiliência**. Dado o papel central da mudança do clima no atingimento dos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) e da sua *Strategy 2030*, o banco lançou em julho de 2017 o *Climate Change Operational Framework 2017–2030* (CCOF2030).

O framework traz orientação para melhorar a resiliência e fortalecer as ações climáticas nas operações e processos empresariais do ADB nos: planos de negócios de operações do país, estratégias setoriais e temáticas, programas e projetos dos países, assistência técnica e apoio ao conhecimento. **O documento aponta que o ADB já integra a triagem de risco das mudanças climáticas no desenho do projeto, e ampliará e intensificará esse esforço observando a mudança climática e o risco de desastres a partir de perspectivas programáticas, nacionais e regionais.**

De fato, o framework evidencia a centralidade que as ações climáticas ganham no banco, principalmente em ações mais amplas do mesmo na região e com os países. Assim, é possível observar uma mudança de postura em relação a consideração da resiliência nas atividades do banco. Se antes a mesma era considerada uma vez que os projetos chegavam ao banco (à posteriori), agora ela se torna um dos *drivers* para a promoção e construção de projetos, e sobretudo para as ações e parcerias dentro dos países.

Ao mencionar as ações em curso em resposta à MC, o documento aponta que além de fornecer financiamento, o ADB vem desenvolvendo e disseminando conhecimento e capacitação. Ele destaca a

série de diretrizes e ferramentas para triagem de risco climático, avaliação de impacto e vulnerabilidade e adaptação:

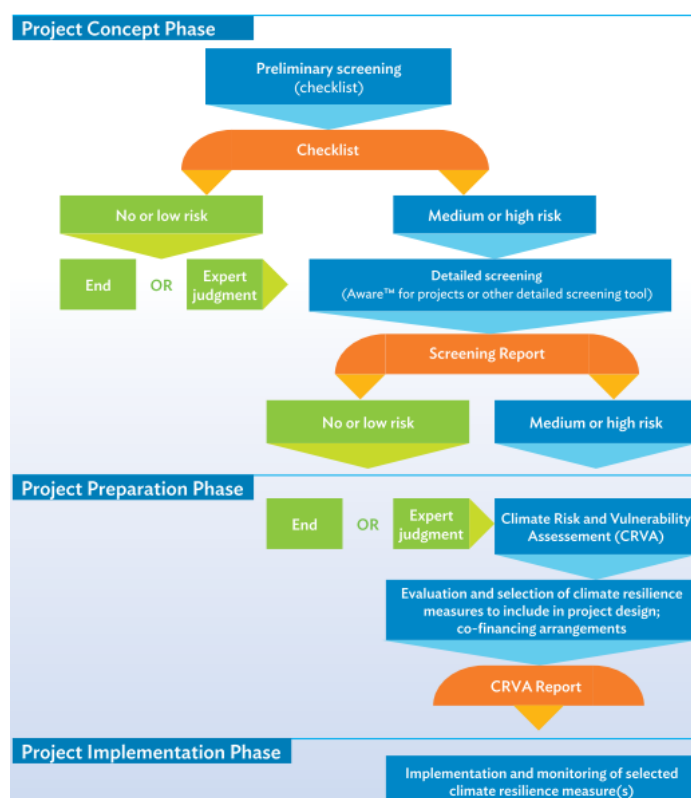
- A. **ADB. 2014. *Climate Risk Management in ADB Projects.***
- B. **ADB. 2016. *Guidelines for Climate Proofing Investment in the Water Sector: Water Supply and Sanitation.***
- C. **ADB. 2013. *Guidelines for Climate Proofing Investment in the Energy Sector.***
- D. **ADB. 2012. *Guidelines for Climate Proofing Investment in Agriculture, Rural Development, and Food Security.***
- E. **ADB. 2011. *Guidelines for Climate Proofing Investment in the Transport Sector: Road Infrastructure Projects.***
- F. **ADB. 2005. *Climate Proofing: A Risk-based Approach to Adaptation.***

As seções seguintes focarão na análise dos documentos A, C e E.

CLIMATE RISK MANAGEMENT IN ADB PROJECTS

Fluxograma básico

A abordagem para gestão de risco climático em projetos do banco utiliza um *framework* nos primeiros estágios do desenvolvimento do mesmo e busca incorporar adaptação na sua concepção. Veja esquema:



Fonte: ADB, 2014.

1. Triagem do risco climático

- a. Todos os projetos do banco passam pela triagem na fase de concepção
- b. Feita pela equipe preenchendo um *checklist* (não encontrado)
- c. Projetos com risco médio ou alto passam por uma segunda triagem com ferramentas dedicadas (exemplo a ferramenta AWARE online que usa modelos climáticos e outros dados – sem acesso)

- d. Os riscos considerados: resultante do aumento de temperatura, mudança na precipitação, velocidade do vento, aumento do nível do mar, energia solar, radiação, disponibilidade de água, inundações, tempestades, incêndios florestais, permafrost, gelo marinho, neve e deslizamento de terra.
- 2. Avaliação do risco climático e vulnerabilidade**
- a. Feita em projetos considerados de médio e alto risco na fase de concepção
 - b. Visa quantificar risco e identificar opções de adaptação a serem integradas no desenho do projeto
 - c. Rigor técnico e profundidade dependem da complexidade do projeto e informações climáticas e para a área do projeto
 - d. Varia de uma análise simples até estudos climáticos completos
 - e. Conduzida por especialistas em modelagem, avaliação de impacto, e economia climática, junto especialistas setoriais do banco
- 3. Avaliação técnica e econômica das opções de adaptação**
- a. A factibilidade técnica e viabilidade econômica das opções é avaliada
 - b. Análise econômica usa dois cenários:
 - i. Projeto sob mudança do clima sem medidas
 - ii. Projeto sob mudança do clima com a(s) medida(s)
 - c. Tenta identificar informações como medida mais benéfica, custo incremental da adaptação, custo-benefício. Pode apontar o melhor timing de implementação
- 4. Identificação das opções**
- a. As medidas mais viáveis (identificadas com os envolvidos) são incorporadas no desenho do projeto
 - b. Não há receita para as soluções: pode assumir o risco e focar em sistemas de resposta, ser baseada na engenharia, em gestão de ecossistemas etc.
- 5. Monitoramento e avaliação**
- a. Todo processo é documentado e registrado: nível de risco, avaliações climáticas, avaliação vulnerabilidade
 - b. Documentação suplementar: avaliação das medidas e decisão final.

Esforço de integrar risco climático com risco à desastres naturais

Nas recentes tentativas (reforçadas na *Strategy 2030*) de integrar as abordagens de risco climático e de desastres naturais, o mesmo *framework* apresentado foi revisado incorporando a gestão de riscos à desastres (*DRM-Disaster Risk Management*) na mesma lógica. A escolha de se fazer uma avaliação de risco climático ou de risco à desastres depende das primeiras triagens, mas são parecidas e podem se complementar.

O guia prático para avaliação de desastres em projetos (2017) trata mais esse assunto, apontando convergências e diferenças entre as duas abordagens: <https://www.adb.org/documents/disaster-risk-assessment-project-preparation-guide>

Processo paralelo ou integrado à avaliação ambiental?

A pesquisa documental, até o momento não permitiu esclarecer este ponto. O relatório da AECOM (2017) aponta que a avaliação de risco climático ocorre paralelamente à avaliação ambiental e os documentos da ADB mais antigos sobre a avaliação de risco, embora não o deixam explícito, não mencionam a avaliação ambiental junto com a de risco climático.

No entanto, documentação mais recente sobre riscos de desastres naturais (*Disaster Risk Assessment for Project Preparation - 2017*) menciona que mudança do clima e risco à desastres são cobertos inicialmente

por uma “Rápida Avaliação Ambiental” (*rapid environmental assessment* - REA). Seus resultados são incorporados na classificação de salvaguardas ambientais (classes A, B e C). Tais processos correspondendo às triagens iniciais e a REA indicará necessidade de uma avaliação mais aprofundada.

O documento também aponta que, a depender do resultado da triagem, e da necessidade de aprofundamento da avaliação, a mesma pode ser independente ou ser incorporada à avaliação de impactos ambientais.

Sobre o AWARE

Os documentos apontam que os projetos inicialmente triados com médio e alto risco, passarão por uma segunda triagem, usando, por exemplo a ferramenta AWARE. Não está claro qual a obrigatoriedade de seu uso. Se trata de uma ferramenta online de triagem rápida de projetos, baseada em perguntas a serem respondidas pela equipe oferecendo uma avaliação dos riscos do projeto. A seguir algumas informações sobre a mesma.



Fonte: (ADB, 2014)

Box 1: AWARE for Projects Risk Screening Tool

AWARE is a web-based, commercial tool that facilitates a rapid risk screening of projects and project components focusing on climate change risk and exposure to natural hazards. The tool also provides sector-specific commentary on issues that require further attention and assessment. The tool has been modified to match the project sectors and subsectors of the Asian Development Bank (ADB). An updated version incorporating geophysical hazards and enhanced assessment of near-term hydrometeorological hazards was released in May 2017.

AWARE is designed to be user-friendly and relatively rapid and is intended as a preliminary screening tool. The tool does not require expert knowledge of climate change or disaster risk. It can be used in two modes: rapid and full. A rapid mode assessment only requires the user to identify the name of the project, the ADB project sector, and subsectors; to provide the project location; and to indicate if the area is coastal. The tool then generates an assessment of the risk level (low, medium, or high) for 16 variables in a spidergram contained within a standardized report. The full mode requires the user to also answer six questions regarding any required modifications to the project design in order to provide the expected services over the life of the project.

Source: ADB.

Fonte: (ADB, 2017)

A ferramenta é comercial, desenvolvida por uma empresa especializada. Não foram encontradas mais informações sobre a mesma, nem sobre seu uso pela ADB.

Produção de ferramentas e guias

Embora o fluxograma esteja estabelecido, não há mais detalhamento de como aplicá-lo e de ferramentas específicas para cada etapa (triagem e avaliação). O documento-resumo de 2013 aponta um portfólio de recursos técnicos que o banco vem desenvolvendo em avaliação de riscos climáticos. Esses recursos técnicos visam apoiar seus departamentos de operações e seus parceiros (países) na identificação de riscos de mudança climática para investimentos e para planejar, implementar, monitorar e avaliar intervenções de gerenciamento de riscos climáticos. Esses recursos são projetados para garantir consistência nos métodos, ferramentas e dados usados para a triagem de riscos climáticos, e para melhorar a eficiência e a relação custo-eficácia dos esforços de gerenciamento de riscos climáticos do ADB. A figura resume os três grupos de recursos previstos:



Fonte: ADB, 2013

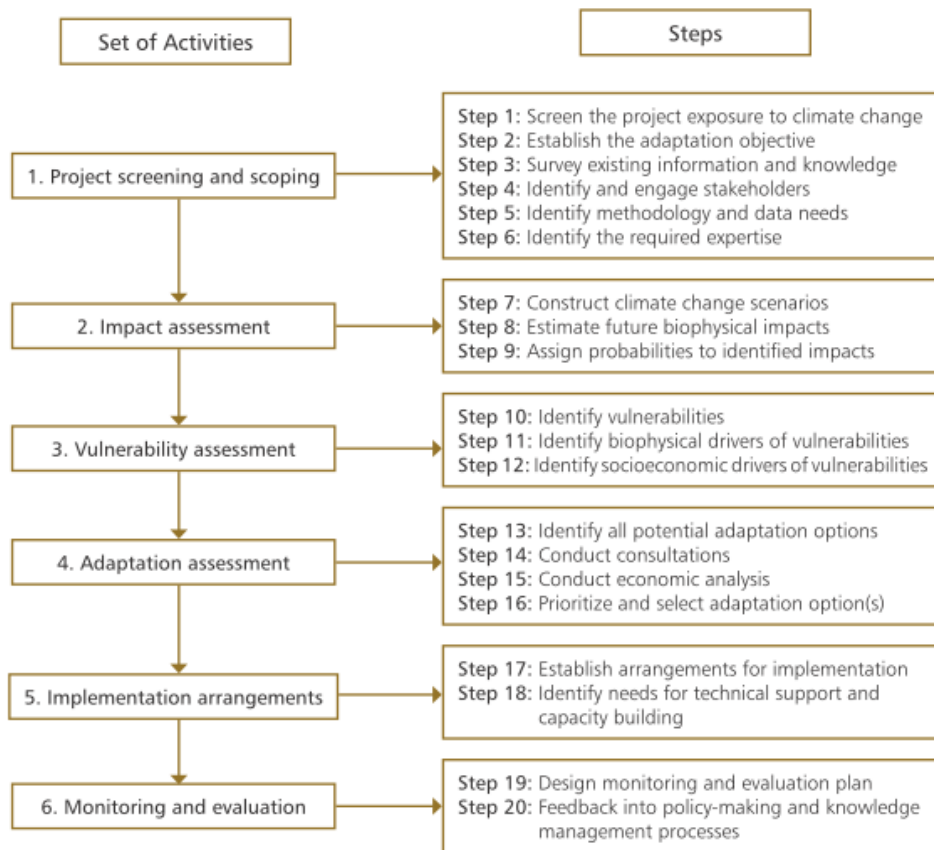
O documento aponta que tais produtos “estão sendo desenvolvidos”. Assim, não fica claro quais deles foi de fato finalizado e está sendo utilizado, além dos que estão disponíveis em forma de publicação. Merecem destaque os *Guidelines for Climate Proofing* que foram desenvolvidos para os setores de Energia, Água, Infraestrutura Rodoviária e Agricultura. O guia de infraestrutura rodoviária será explorado a seguir, mas todos utilizam a mesma estrutura.

GUIDELINES FOR CLIMATE PROOFING INVESTMENT IN THE TRANSPORT SECTOR: ROAD INFRASTRUCTURE PROJECTS

- Produzida na estratégia de longo prazo anterior (até 2020)
- Foco só em infraestrutura rodoviária
- Passo-a-passo metodológico para auxiliar equipes de projeto a incorporar adaptação nos projetos de investimento no setor
- É um guia e busca ajudar no processo de *mainstreaming*, mas seu uso não parece ser mandatário

- Considera que a avaliação dos riscos climáticos é mais efetiva quando os riscos são identificados nas etapas iniciais do projeto – para isso **considera que o projeto já tenha passado por uma etapa de triagem (uso de ferramenta de triagem)**
- O documento é dividido em três partes, que refletem a didática aplicada e necessidade de contextualização das equipes de projeto:
 - Discussão detalhada dos impactos da MC no setor de transporte e opções de adaptação: gera repertório de medidas de adaptação para o leitor com tipificação e exemplos
 - Descreve a abordagem passa-a-passo para avaliar vulnerabilidades e necessidades de adaptação (*climate-proofing*)
 - Discute a integração da adaptação nas políticas e planejamentos do setor de transportes
- Os passos não pretendem ser prescritivos, mas devem ser adaptados a cada realidade de projeto

A seguir o resumo dos 6 conjuntos de atividades e seus 20 passos:



Fonte: ADB, 2011

O documento traz para cada atividade e passo uma descrição das ações esperadas e recomendações de como conduzi-la. Trata-se de um guia metodológico que orienta a avaliação dando indicações de possíveis caminhos, abordagens, exemplos e fontes, mas não de uma ferramenta que conduza aos resultados.

O guia para o setor energético, por exemplo, segue exatamente os mesmos passos metodológicos. No detalhamento de cada passo, o documento foca então nas questões específicas do setor energético.

CONSIDERAÇÕES

- O banco está comprometido com a consideração dos riscos climáticos em seus investimentos
- Desde 2014 há um *framework* (fluxograma) para a consideração do risco climático em projetos
- Os documentos estratégicos todos indicam que os projetos passam por triagens e avaliações de risco climático, sem detalhar o processo e ferramentas
- Documentos apontam a existência de ferramentas de triagem inicial (*checklist*) e posterior (AWARE) onde os projetos são classificados, mas não foram encontradas documentações de tais ferramentas nem exemplos de aplicação
- O *framework* também menciona uma avaliação dos riscos climático (para projetos de triados como de risco médio e alto), mas também não foram encontradas documentações, como por exemplo guias ou ferramentas, de como a mesma deve ser feita.
- As únicas publicações de destaque (e mencionadas na recente estratégia) são guias metodológicos setoriais (água, energia, estradas, ...) para a consideração do risco em projetos sem caráter processual ou obrigatório, mas orientador. Não há indícios de sua incorporação na avaliação dos projetos.
- É possível/provável que os procedimentos internos de avaliação dos projetos estejam solidamente considerando riscos climáticos, as equipes estejam preparadas e tenham incorporado o tema e existam alguns documentos orientadores internos. No entanto, a diversidade e complexidade de projetos e riscos faz com que o tratamento dos mesmos tenha características mais específicas e caso-a caso e seus procedimentos e resultados não sejam publicados em forma de regras gerais (a investigar).

CONTATOS

- **Environment Thematic Group:** Ensures mainstreaming of environmental sustainability in project designs, conducts peer reviews of environmental impact assessments of category, and develops new focus areas of work under environment.
 - Contato: <https://www.adb.org/themes/environment/contacts>
 - Nome sugerido: **Mr Nessim J. AHMAD (Mr)** - Deputy Director General Sustainable Development and Climate Change Department - Concurrently Chief Compliance Officer
 - Assina diversos documentos analisados
- **Climate Change and Disaster Risk Management - CCDRM Thematic Group** is co-chaired by the SDCD director, who is also the technical advisor for climate change and disaster risk management; and the chief thematic officer. This group, with 18 experts throughout ADB, is tasked with coordinating the institution-wide response on climate change and supporting knowledge sharing, peer review, and ADB climate operations across the board. A secretariat, composed of SDCD staff, supports the CCDRM Thematic Group and is responsible for drafting the CCOF2030.
 - Contato: <https://www.adb.org/themes/climate-change-disaster-risk-management/contacts>
 - Sugestão de nome: Preety M. BANDHARI (Ms) – aparece em comunicações do tema pelo banco
- Documento-síntese de 2014 sobre gestão de risco climático do banco traz:
 - Cinzia Losenno – Climate Change Adaptation Focal Point ADB | closenno@adb.org | (632) 632 4996
- Flyer de 2013 sobre resiliência traz:
 - Charles Rodgers - Senior Environment Specialist (Climate Change Adaptation)
 - crodgers@adb.org | +63 2 632 5618

BANCO MUNDIAL (WB)

Principais aspectos de interesse para o projeto:

- Ferramentas de *Screening* de riscos climáticos e desastres naturais abertas
- O portal de informações climáticas do banco

O Banco Mundial é mais um banco de desenvolvimento que considera a mudança do clima estrategicamente em sua atuação. É um tema prioritário ao lado de pobreza, educação, saúde etc. O grupo comprometeu US\$ 100 bilhões entre os anos fiscais de 2011 e 2018 (média de US\$12,6 bilhões anuais) em mais de 1400 projetos relacionados ao clima. Isso vem de uma visão institucional de que os objetivos de eliminar a extrema pobreza e aumentar a prosperidade não podem ser atingidos sem atacar a mudança do clima. Houve um crescimento considerável do investimento para adaptação e resiliência em países em desenvolvimento – de US\$ 3.9 para US\$7,7 bilhões em 2018. Agora quase metade de todo o investimento em clima do banco é em adaptação.

As atividades voltadas ao tema no banco são inúmeras, refletindo em diversas iniciativas para fomentar ações de mitigação e adaptação, além de geração de conhecimento. Buscando delimitar o escopo de análise para elementos que interessam ao IPACC, sejam elas a integração do tema na análise de projetos e as ferramentas e métodos para tal, a sequência dá uma visão geral de como o risco climático aparece em alguns documentos estratégicos, para nas próximas seção abordar detalhes das ferramentas de *data & information* e *screening* do banco.

Environmental and Social Framework

O WB, incluindo o International Bank for Reconstruction and Development (IBRD) e a International Development Agency (IDA), publicou em 2017 sua nova *Environmental and Social Framework* - ESF, que substituirá a *Safeguard Policies* em 2018. O ESF aponta os requerimentos ao banco e aos financiados em projetos financiados através do chamado *Investment Project Financing*.

- O ESF apresenta a visão do banco no tema sustentabilidade, mencionando risco climático em alguns pontos, os requerimentos para o banco e os 10 standards socioambientais aplicáveis aos financiados.
- O primeiro standard, *Environmental and Social Standard*, aplica-se a todos os projetos do banco.
- A introdução menciona que o banco ainda irá lançar um *Environmental and Social Procedure*, que deverá definir procedimentos aprovados e mandatários a serem aplicados aos projetos descrevendo como o banco conduzirá o processo de *due diligence*. Não foi encontrado nenhuma documentação referente a esses procedimentos.
- Também menciona que o ESF virá com guias não mandatários e ferramentas de informações para auxiliar os financiados a implementar os *standards* requeridos, assim como a equipe do banco a conduzir o *due diligence*.
 - Numa breve seção sobre implementação, menciona outra vez que serão desenvolvidas e disponibilizadas diretas, procedimentos, guias e ferramentas de informação para apoiar a implementação da política. As mesmas não foram encontradas, provavelmente por ainda estarem em desenvolvimento.
- Sobre a consideração de clima na ESF:
 - Aparece em vários momentos, mas não possui uma seção exclusiva. Parece estar integrada transversalmente nos diversos standards.
 - Em especial, o standard de riscos e impactos ambientais são os que mais enfatizam os riscos climáticos. Incluem, entre outras, “aquelas relacionadas à mudança do clima e outros riscos globais e transfronteiriços”.

- O standard de Saúde e Segurança da Comunidade explicita que as mesmas já estão sob risco das MC, o de Biodiversidade exige consideração das MC.
- De um modo geral o documento aponta o que deve ser considerado, sem descrever como.

É possível concluir que novos procedimentos ainda serão divulgados e que apontarão as ferramentas a serem usadas. O banco já vem aplicando ferramentas de *screening* para adaptação e resiliência e provavelmente as mesmas serão incorporadas ou melhoradas.

Climate Action Plan 2016-2020

O WB também possui um plano de ação climática, que, embora seja focado nas estratégias de apoio e desenvolvimento de políticas climáticas (NDCs, financiamentos climáticos, ...) possui entre suas quatro prioridades o alinhamento processual e de trabalho com pares, em que é mencionado que o banco iria triar todos seus projetos em relação a riscos climáticos. Também aponta que o *screening* de riscos será estendido ao IBRD em 2017, após uma revisão das ferramentas de *screening* e lições advindas das aplicações nos países do IDA (menos desenvolvidos).

CLIMATE CHANGE KNOWLEDGE PORTAL

Além da atuação direta através de projetos nos países, o banco também trabalha no desenvolvimento e disponibilização de conhecimento em diversos temas correlatos ao desenvolvimento. Possui iniciativas voltadas à pesquisa, geração de informação, ferramentas e portais de conhecimento em diversos temas (indicadores sociais, gênero, consumo, emprego etc). Em clima, destaca-se o **Climate Change Knowledge Portal (CCKP)**, tratando-se de um típica *Data and Information Tool*.

- O WB é a única instituição avaliada que parece ter uma *Data & Information Tool*, pelo menos deste porte;
- Provê acesso online à dados abrangentes globais e nacionais relacionados à MC e desenvolvimento. Permite ao usuário explorar, sintetizar e aprender sobre clima, vulnerabilidades e riscos em diversos níveis;
- Busca aproximar dados científicos da tomada de decisão;
- Provê links para outros recursos e ferramentas;
- É uma importante fonte de informação, mas que deve ser utilizada com cautela, sobretudo quando dados mais locais e específicos precisam ser considerados. Por exemplo, as fichas-resumo de países (sobretudo os mais extensos como o Brasil) podem ser generalistas demais, ou podem considerar algumas fontes de dados;
- O CCKP é uma ferramenta citada e referenciada por diversas outras iniciativas, inclusive alguns bancos.
- Acesso: <http://sdwebx.worldbank.org/climateportal/>

CLIMATE AND DISASTER SCREENING TOOLS

O banco já usa ferramentas de triagem climática aplicada a projetos há alguns anos. Por exemplo, pelo menos desde meados de 2014, os novos projetos financiados pelo International Development Association- IDA, o fundo do WB para os países mais pobres, passam por uma triagem de riscos climáticos de curto e longo prazo, e medidas de resiliência são integradas nos projetos quando apropriado.

Tais ferramentas, construídas em plataformas online, eram disponíveis só à equipe do banco, mas foram disponibilizadas ao público em 2015. Elas passaram, durante sua concepção, por uma pilotagem interna, testes envolvendo especialistas regionais e temáticos em todo o Banco. A consulta sobre as novas

ferramentas de triagem incluiu partes interessadas externas, como bancos regionais de desenvolvimento e outros parceiros de desenvolvimento que estavam em processo de desenvolvimento ou implantação de ferramentas e recursos de triagem semelhantes (não foram encontrados mais detalhes de quais).

Acesso: <https://climatescreeningtools.worldbank.org/>

- **Descrição Geral:** São ferramentas online projetadas para orientar os usuários em uma série de etapas para entender o nível de risco representado pelo clima e outros perigos naturais em um estágio inicial do projeto. Fazem isso disponibilizando dados sobre mudanças climáticas (histórico, projetado) “puxados” do CCKP. O usuário deve conectar essas informações aos componentes do projeto inclusive considerando componentes não físicos, como capacidade institucional e o contexto de desenvolvimento maior. O resultado é a caracterização do nível de risco a que o projeto está sujeito.

O site reforça que o grande valor dessas ferramentas é que proveem um processo estruturado e sistemático para compreender os riscos climáticos e de desastres naturais. As classificações, enquanto instrutivas, devem ser encaradas como informativas para próximos diálogos e consultas a fim de auxiliar a determinar a necessidade de novos estudos no subsequente desenho de projeto.

Assim as ferramentas buscam de alguma forma:

- Permitir o aprendizado sobre tendências climáticas relevantes para o projeto;
- Apontar potenciais impactos através de um processo sistemático, consistente e transparente;
- Auxiliar os processos de diálogo, consultas e planejamento;
- Reconhecer a necessidade de futuros detalhamentos nas fases de preparação e planejamento, identificando recursos e ferramentas para tal.

Natureza da análise (mandatória/compliance/voluntária): Foram elaboradas como obrigatórias para projetos do IDA. Embora não tenha sido encontrado nenhum documento oficial apontando que as mesmas devam ser usadas em outros projetos do banco, diversas fontes afirmam que o *screening* climático é aplicado a todos projetos. Sendo pública, seu uso é voluntário para qualquer usuário interessado.

Usuários e aplicação pretendidos: Equipe do banco, mas aberta ao público. Disponível para tomadores de decisão em geral.

Escopo da análise: As ferramentas se aplicam a uma gama de setores de desenvolvimento em suporte a i) planos nacionais e estratégias ii) investimentos no nível de projetos. Existem ferramentas de projetos para os setores: **agricultura, água, estradas, zonas costeiras, energia, saúde**. Além de uma **genérica** cobrindo setores como transporte não rodoviário, desenvolvimento comunitário, recursos naturais e outros.

Análise integrada com outras: sustentabilidade, ambiental, socioambiental? De modo geral, a ferramenta é separada de outras considerações socioambientais. No entanto o ESF do banco integra clima em toda sua estrutura (este é um ponto de dúvida). A ferramenta integra desastres naturais (inclui terremotos, por exemplo)

Fase do ciclo de projeto: Foca só no *screening*. Esse é um elemento de atenção: não há muita orientação em relação aos próximos passos caso a triagem aponte um projeto vulnerável.

Resultados: Indica qual o risco climático geral e os perigos geofísicos do projeto analisado. O risco avaliado (resultado da triagem) visa apontar necessidade de mais análises, mas não há indicações para a sequência.

Tipo de ferramenta: Guia processual (*Process Guidance tool*), focada na fase de *screening*, mas também fornece informações (elementos de *data & information tool*).

Fontes de informação: A ferramenta é ligada com as fontes de projeções climáticas, perfis de adaptação dos países e dados de risco à desastres do *Climate Change Knowledge Portal (CCKP)* do próprio WB. A profundidade dessas informações é média a baixa - pode ser bastante superficial e incompleto, a depender do local analisado e profundidade da problemática imposta. O próprio banco traz um aviso não se comprometendo com a acurácia dos dados fornecidos.

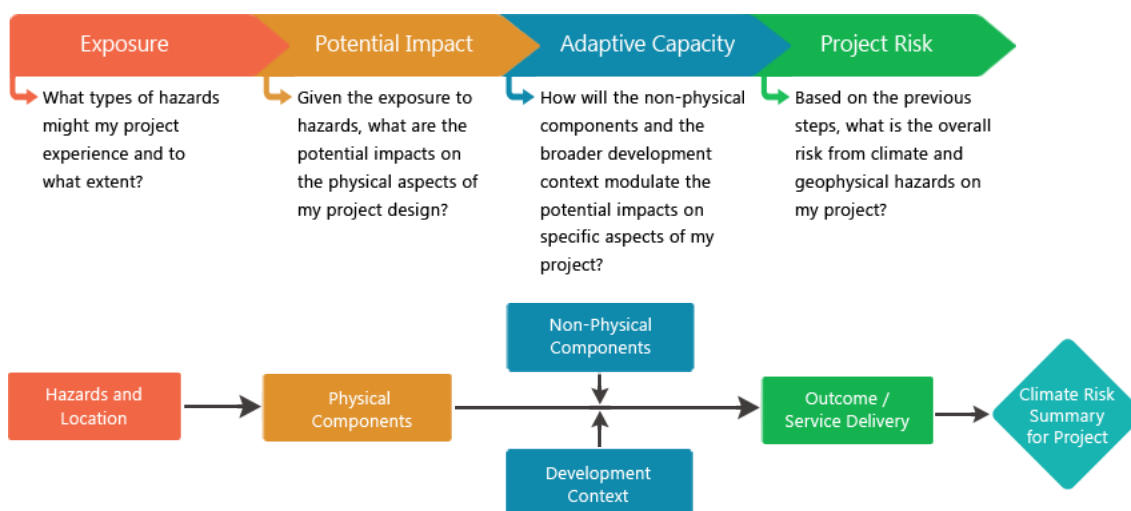
Expertise requisitada: Sendo uma ferramenta inicial de *screening* e de uso simples, o requerimento de expertise é baixo. Espera-se conhecimento especializado em questões relacionadas ao projeto, mas não necessariamente em MC. Existem vídeos de treinamento disponíveis. Espera-se também, que consultas para coletar informações (do setor, região) sejam feitas durante o processo.

Tempo requerido: Depende da disponibilidade de informações e conhecimento do usuário, mas o site aponta de 1 a 3 horas.

VISÃO GERAL DO MÉTODO APLICADO

As ferramentas aplicam uma estrutura de exposição-sensibilidade-capacidade adaptativa para avaliar os riscos. A estrutura incorpora elementos da estrutura de análise de risco adotada pelo IPCC e a estrutura para avaliação de vulnerabilidade usada pela USAID, com algumas modificações. Abarca quatro etapas distintas, mas inter-relacionadas:

1. O usuário avalia até que ponto seu projeto / localização será **exposto a cada perigo**.
2. O usuário combina essas informações com o entendimento dos componentes físicos do projeto para avaliar o **impacto potencial** de cada perigo.
3. O usuário examina como **fatores não-físicos relevantes**, como a capacidade institucional e o contexto econômico e social mais amplo, influenciam o nível de risco apresentado ao projeto.
4. Com base nessas considerações, o usuário **classifica o risco** geral para o resultado do projeto. Um PDF do perfil geral de risco do projeto é produzido.



Fonte: <https://climatescreeningtools.worldbank.org>

A seguir um exemplo de resultado:

Table 3B: Results Summary - by Time Frame

Time Frame	Current						Future						
	Hazard	Location	Physical Components	Non-Physical Components	Development Context		Outcome / Service Delivery	Location	Physical Components	Non-Physical Components	Development Context		Outcome / Service Delivery
					Transport Sector	Broader Context (Overall)					Transport Sector	Broader Context (Overall)	
Extreme Temperature	Yellow	Yellow	Yellow	Data gathering and information management system			Yellow	Orange	Orange	Data gathering and information management system			Yellow
Extreme Precipitation and Flooding	Orange	Orange	Orange	Slightly Reduces Impact	Slightly Reduces Impact	Financial resources	Yellow	Red	Orange	Slightly Reduces Impact	Slightly Reduces Impact	Financial resources	Orange
Sea Level Rise	Green	Yellow	Yellow	Emergency protocols		Slightly Increases Impact	Green	Green	Green	Emergency protocols		Slightly Increases Impact	Green
Storm Surge	Green	Green	Green	Significantly Reduces Impact			Green	Green	Green	Significantly Reduces Impact			Green
Strong Winds	Yellow	Green	Green				Green	White/Striped	Green				Green

Insufficient Understanding	Not Exposed No Potential Impact No Risk	Slightly Exposed Low Potential Impact Low Risk	Moderately Exposed Moderate Potential Impact Moderate Risk	Highly Exposed High Potential Impact High Risk
----------------------------	---	--	--	--

Fonte: <https://climatescreeningtools.worldbank.org>

TOOLS FOR SUBSEQUENT ANALYSES

O website das *Screening Tools*, disponibiliza uma página indicando outras ferramentas de avaliação que podem complementar a triagem e contextualizá-la em um universo mais amplo do processo de avaliação de riscos climáticos. Ali são somente citadas de forma ilustrativa ferramentas do banco e de outras instituições. No contexto do IPACC, alguns destaques:

- As ferramentas desenvolvidas pelo WB indicadas são mais voltadas a políticas e programas nos países. Destacam-se:
 - A [World Bank Urban Risk Assessment](#): uma abordagem flexível que os gerentes de projetos e de cidades podem usar para identificar medidas viáveis para avaliar o risco de uma cidade. O primeiro nível da avaliação ajuda as cidades a identificarem áreas propensas a riscos e capacidades de resposta.
 - [World Bank Rapid Assessment Tool for Energy and Climate Adaptation \(ATECA\) Quick View](#): foi projetada para analisar (*screen*) o setor de energia renovável de um país em relação à vulnerabilidade climática.
 - [Energy Sector Management Assistance Program \(ESMAP\) Hands-on Energy Adaptation Toolkit](#): é uma abordagem de avaliação de risco semi-quantitativa e baseada em partes interessadas para priorizar riscos ao setor de energia de um país. A ferramenta também ajuda a identificar opções de adaptação.
 - Acesso: <https://climatescreeningtools.worldbank.org/content/complementary-risk-analysis-tools>

Vale reforçar nesta seção que, se por um lado as ferramentas de *screening* do WG são as mais detalhadas e completas, há pouca ou nenhuma informação sobre o processo mais amplo de consideração de risco nos projetos, incluindo as análises subsequentes (mais aprofundadas) de um projeto sob risco e como esse processo é considerado dentro da análise de projetos do banco. É possível que tais detalhamentos metodológicos venham nos procedimentos de implementação do *ESFramework*, em desenvolvimento ainda, ou que as análises mais aprofundadas passem por processos mais específicos não tão engessados por procedimentos e ferramentas dados.

CONTATOS

GERAIS DO BANCO

- Contato do BNDES:
 - Márcio Cerqueira Batitucci | Senior Environmental Specialist | mbatitucci@worldbank.org | +61 3329 8624
- 28 experts em “Climate Change” no banco: http://www.worldbank.org/en/about/people/all?lang_exact=English&topic_exact=Climate+Change

CONTATOS RELACIONADOS AO KNOWLEDGE PORTAL (CCKP)

- climateportal@worldbank.org
- Ana Bucher - abucher@worldbank.org
- Varuna Somaweera - vsomaweera@worldbank.org
- Yunziyi Lang - ylang@worldbank.org

CONTATOS RELACIONADOS ÀS SCREENING TOOLS:

- climatescreeninghelpdesk@worldbankgroup.org
- Contatos e perfil da líder, Kanta Kumari: <http://www.worldbank.org/en/about/people/k/kanta-kumari-rigaud>
- A seguir nomes de pessoas envolvidas na elaboração das ferramentas (para o grupo avaliar se conhece alguém)
 - The Bank team, led by **Kanta Kumari Rigaud**, and a core team comprised of **Ana Elisa Bucher**, **Raffaello Cervigni**, **Nathan Engle**, **Varuna Somaweera**, **Tobias Baedeker**, **Kazi Ahmed**, **Catherine Nakalembe**, and **Meerim Shakirova** worked under the supervision of **Jane Ebinger** and **Geeta Sethi**. Advice on disaster risk component and datasets was provided by Sofia Bettencourt and Alanna Simpson. **Rosina Bierbaum** provided strategic and technical advice throughout the project. Others: **Maarten Van Aalst**, **Rachel Kyte**, **James Close**, **Mary Barton Dock**, **Fionna Douglas**, **Marianne Fay** and **Karin Kemper**.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID)

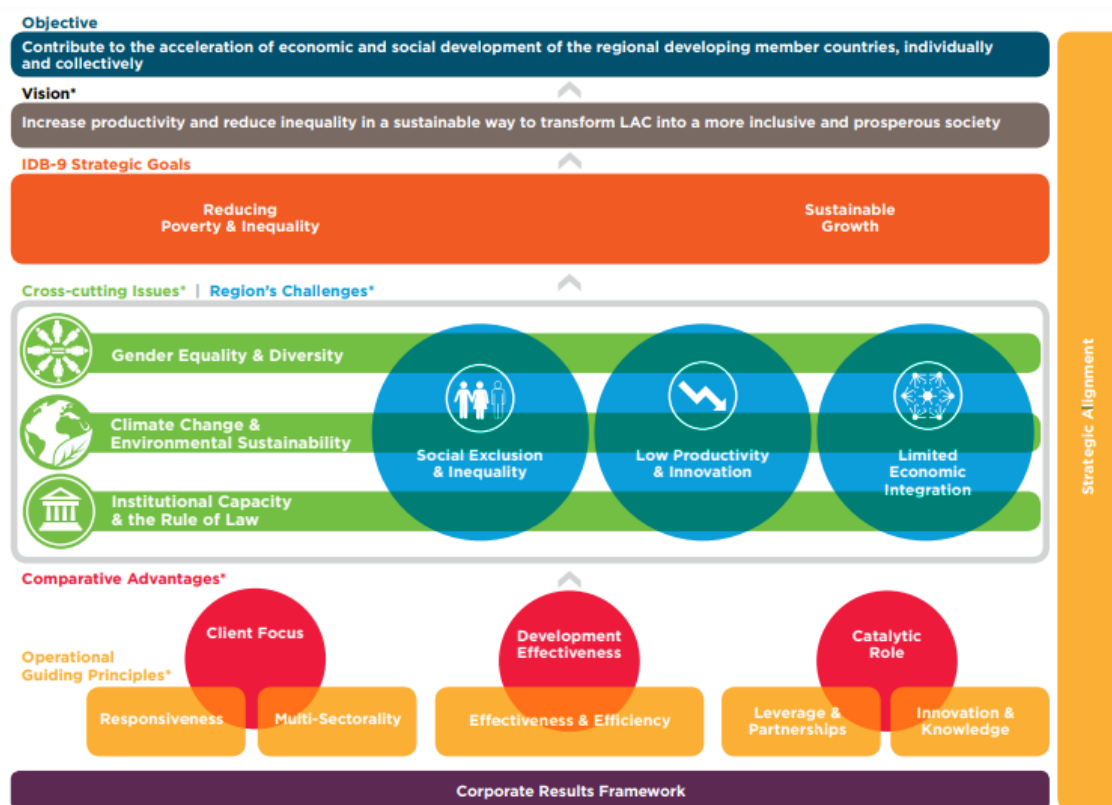
Principais aspectos de interesse para o projeto:

- Processo de incorporação do tema dentro do banco e seus impactos
- O Relatório de sustentabilidade diz que foi feita Avaliação de risco de desastres para todos projetos do banco, e estabelecida uma comunidade de prática no tema – a análise documental não encontrou mais informações sobre essa iniciativa.

ANÁLISE DO SITE E DOCUMENTAÇÃO INTERNACIONAL DO BANCO

Mudança do clima como prioridade (mainstreaming)

Mudança do clima é um tema central do banco, sendo um dos 3 temas transversais de atuação do banco para sua estratégia institucional aprovada para 2016 a 2019.



Fonte: BID, 2016.

Entre os principais marcos do banco no tema, destaca-se sua Iniciativa em Energia Sustentável e Mudança Climática (**SECCI**) de 2006 – mas que tem pouca relação com adaptação. O banco possui também, desde meados de 2012, o Setor de Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Sustentável (CSD), vinculado à vice-presidência para setores e conhecimento. O CSD assessoria a administração nesses temas e prepara políticas, estratégias e alinhamentos operativos. Também responsável por pesquisas setoriais e estudos de caso em mudança do clima, contribuindo para o apoio técnico setorial no tema.

Possui diversas iniciativas em torno do tema, como a NDC Invest, diálogo regional de políticas públicas sobre mudança do clima e financiamento para o clima, o ProAdapt (iniciativa de assistência técnica), entre outros.

Estratégia Integrada de Mudança do Clima

Em 2011 lançou sua **Estratégia Integrada de Mitigação e Adaptação à Mudança do Clima e Energia Sustentável e Renovável (EsCC)**. Visa orientar o diálogo do banco com os governos, setor privado e sociedade civil sobre sua agenda no nesse tema, integra em um único marco de ação os financiamentos públicos e privados e formação de capacidade no tema. Também visa fortalecer e consolidar as próprias capacidades do banco e vantagens competitivas. É o documento base mais citado nos textos sobre mudança do clima do banco.

O documento, desenhado para ser instrumento estratégico do banco para escalar as atividades em adaptação e mitigação, aponta 5 linhas estratégicas. Para o projeto, destacam-se alguns pontos:

- A. **Fortalecer as prioridades da base de conhecimentos:** o banco priorizará atividades visando aumentar a geração e sistematização e difusão de conhecimento, entre elas:

- a. Ferramentas e instrumentos para avaliar os impactos do clima e o potencial de mitigação, vulnerabilidade às mudanças climáticas e gestão de risco, e pré-avaliar projetos de investimento para determinar sua sustentabilidade.
- B. **Desenvolver instrumentos para integrar transversalmente as alterações climáticas nas operações financiadas pelo Banco:** O Banco criará instrumentos para integrar transversalmente a mitigação das mudanças climáticas em suas operações, apoiará o registro completo das emissões de GEE e melhorará a resiliência ao clima das atividades que financia.
 - a. O Banco desenvolverá critérios e indicadores para monitorar seus próprios investimentos e operações de mitigação e adaptação às mudanças climáticas, de acordo com as melhores práticas internacionais e em colaboração com outros BMDs...
...Também garantirá que os investimentos em infraestrutura (como transporte, água e energia), bem como outras áreas que possam ser especialmente sensíveis aos impactos das mudanças climáticas, sejam projetados para suportar tais impactos. Para este fim, desenvolverá a capacidade de avaliar a vulnerabilidade dos projetos que financia para a variabilidade e mudança do clima, o que inclui uma melhor compreensão dos instrumentos disponíveis para avaliação de vulnerabilidade e gestão de risco para melhorar a resiliência aos impactos das mudanças climáticas. Estas atividades serão desenvolvidas como parte da implementação do EsCC.

A última seção do documento (de 2011) trata da implementação da estratégia e menciona a criação de um Plano de Ação da Estratégia de Mudança do Clima (PAECC), que não foi encontrado no site da instituição e aparentemente não foi elaborado, ao menos como tal.

Climate Change Sector Framework Document (SFD)

Posteriormente ao EsCC e baseado nele, em 2015 o banco publicou um documento que visa identificar áreas estratégicas de intervenção para o banco, além de incluir análises de necessidades e barreiras na região para a incorporação do tema da mudança do clima nos processos de desenvolvimento. É um documento estratégico, mas também busca ser referência para geração de conhecimento para contribuir na incorporação de conceitos do tema nos projetos.

Possui extensas seções de diagnóstico regional e setorial, uma avaliação do progresso do banco no tema (mencionando a Estratégia e o seu plano de ação - não encontrado). O documento aponta uma avaliação interna de 2014 que destaca o longo histórico de apoio à gestão do risco de desastres naturais do banco, em relação aos riscos que são exacerbados pelas mudanças climáticas. No entanto, o mesmo considera que a avaliação do risco climático ainda é limitada e sugere que o Banco adote ferramentas para incluir esse risco desde a fase de projeto da operação.

Na seção de princípios, metas e dimensões de sucesso, o documento aponta, entre outros:

- Incorporação de variáveis climáticas nos estágios iniciais de intervenção;
- Aumentar acesso às informações climáticas e fortalecer a sua consideração nos setores.

De modo geral, há um foco nas ações de intervenção do banco, e não de procedimentos internos de avaliação de projetos de investimentos do banco. Não há menção de ferramentas específicas para avaliação de risco, mas um esforço mais amplo e genérico de consideração da mudança do clima nas ações da instituição.

Relatório de sustentabilidade de 2017

Documento informativo, mas que mais dá indícios das atividades do banco na linha do projeto IPACCII. A seção de Mudança do Clima apresenta:

“O Grupo do BID também se comprometeu, **até 2018, a revisar os riscos climáticos em todos os projetos relevantes**, especialmente nos países mais vulneráveis aos impactos da mudança climática. Para fazer isso, aprimoramos continuamente a detecção de riscos de desastres e mudanças climáticas nas operações e **desenvolvemos uma metodologia para Avaliação de Risco de Desastres** para projetos de alto e médio risco. Esta iniciativa é apoiada **pela Comunidade de Prática em Resiliência, criada em 2017**, cujo objetivo é entender melhor os fatores que contribuem para a resiliência e sustentabilidade dos programas e fortalecer as capacidades do Banco e de seus clientes.”

Não foi encontrada nenhuma documentação relacionada à avaliação de riscos à desastres mencionada, nem à comunidade de prática.

As salvaguardas ambientais e de desastres naturais como possível base para adaptação

Não foi encontrado um documento específico para avaliação de riscos climáticos. No entanto, é possível que a avaliação de riscos climáticos esteja incorporada nas triagens e avaliações socioambientais e de riscos à desastres naturais exigidas pelo banco, embora não tenha sido encontrado nenhum documento que apontasse explicitamente que o mesmo é feito e como deva ser feito.

O BID tem suas políticas, normas e diretrizes de salvaguardas ambientais e sociais. Cada política promove a sustentabilidade integrando as preocupações ambientais e sociais como considerações centrais para todas as atividades do projeto e buscando minimizar impactos negativos através da aplicação de salvaguardas, incluindo identificação, monitoramento e mitigação de problemas ao longo de ciclo de vida do projeto.

Todos os seus projetos são avaliados em relação a riscos de desastres (o que inclui aqueles relacionados ao clima), principalmente do ponto de vista do perigo, e de acordo com a Política de Gestão e Salvaguardas Ambientais (*Environmental and Safeguards Compliance Policy - 2007*) e a Política de Gerenciamento de Risco de Desastres (*Disaster Risk Management Policy - 2008*) do banco.

A *Environmental and Safeguards Compliance Policy* está integrada no contexto do ciclo do projeto:

- A. Fase de Design / Triagem: feito com o *Safeguard Screening Form* (SSF) pelo time de projeto, às vezes com um especialista ambiental/social
 - a. Selecionar e classificar o projeto (atribuir a ele uma categoria de risco) com base em seu potencial impacto ambiental.
 - b. Identificar fatores de risco adicionais
 - c. Determinar os requisitos de avaliação ambiental para as operações (com base em sua classificação e nível de risco).
- B. Fase de preparação do projeto
 - a. Para verificar a conformidade do projeto com as políticas do BID.
 - b. Avaliar os impactos transfronteiriços do projeto.
 - c. Avaliar os impactos nos habitats naturais e locais culturais.

O processo de classificação ambiental que ocorre, categoriza os projetos como 'A', 'B' ou 'C'; onde os primeiros são susceptíveis de causar impactos ambientais e sociais negativos significativos, ou tenham implicações profundas que afetem os recursos naturais, e o último 'C' tem mínimo ou nenhum impacto ambiental ou social associado.

Sobre mudança do clima, é possível encontrar na política algumas relações indiretas como:

- A Diretiva B.4 sobre Identificação de outros fatores de risco menciona que “projetos podem ser vulneráveis a desastres naturais por design, localização ou função. Tais projetos podem não causar impactos sob condições normais, mas sua vulnerabilidade à desastres pode causar grandes impactos socioambientais. Neste caso a *Disaster Risk Management Policy* deve ser utilizada.
- A política exige que o projeto responda aos diversos Acordos Ambientais Multilaterais, e isso inclui alguns sobre mudança do clima. Na ocasião o documento mencionava o *Framework Convention on Climate Change* (New York, 1992) e Kyoto Protocol, mas hoje existem diversos outros, em especial o Acordo de Paris.

Assim, todo projeto passa pela triagem e, caso necessário, passará por uma avaliação socioambiental mais aprofundada.

A *Disaster Risk Management Policy* (2008) possui, em sua seção introdutória um tópico específico sobre “Perigos Naturais e Mudança do Clima”, que, embora pouco operacional e tímida, permite a consideração do risco climático:

- *“The present guidelines apply to all natural hazards, including the hydro-meteorological hazards – windstorms, floods and droughts – that are associated with both the existing climate variability and the expected change in long-term climate conditions.”*
- *“Of note for risk assessments, climate change is expected to change some countries’ disaster risk (their probable losses) by changing the characteristics of the hydro-meteorological hazards.”*
- *“Although uncertainty persists, recent advances in downsizing climate models are allowing disaster managers to better calibrate their risk assessments to understand potential impacts due to climate change at the sub national level.”*

A mesma seção menciona que:

- *“Tools for identifying such climate risk at the country and project levels, and measures for mitigating these increased risks to Bank investments (climate change adaptation) will be developed under Pillar 4 of the Bank’s Sustainable Energy and Climate Change Initiative (SECCI) Action Plan”*. (o plano não foi encontrado)
- Uma nota de rodapé aponta: *“The SECCI Action Plan on Adaptation to Climate Change will develop a Climate Risk Screening Tool to support project teams in identifying potential climate impacts.”* (a ferramenta não foi encontrada)

Assim, nenhum dos dois documentos, *Environment and Safeguards Compliance Policy* (2007) e *Disaster Risk Management Policy Guidelines* (2008) possui procedimentos específicos para mudanças climáticas. Por outro lado, seu texto permite que a mesma seja integrada nas avaliações sem empecilhos.

Papel dos especialistas em salvaguardas

Publicação do banco sobre o papel das políticas de salvaguardas para a promoção de infraestrutura sustentável (BID, 2016), dentre diversas conclusões positivas sobre sua efetividade, aponta o papel fundamental dos especialistas na sua aplicação. O documento aponta:

- As salvaguardas são formuladas como metas, que podem aplicadas e interpretadas de diversas formas a depender do contexto e localização do projeto.
- **Esta abordagem enfatiza a importância de serem especialistas que tomam as salvaguardas como uma estrutura, não apenas para prevenir e mitigar os impactos negativos, mas também maximizar as oportunidades desenvolvimento.**

- De fato, todos os projetos (analisados no documento) mostraram que as ações tomadas por especialistas resultaram em melhor desempenho de sustentabilidade, orientando desenvolvedores a implementar práticas mais inovadoras e sustentáveis.
- Muitas vezes, os especialistas ajudaram a integrar opiniões de múltiplos atores e para comunicar os benefícios da aplicação do Políticas do BID.

A avaliação desse documento, assim como outros do banco, evidenciam o papel central dos especialistas em salvaguardas na aplicação prática das mesmas no projeto. É possível que o papel desempenhado pelos mesmos substitua a necessidade de ferramentas específicas e muitas vezes generalistas.

REFERÊNCIA NO BRASIL

Relatório: Contribuições setoriais para Promoção de Alianças Público-Privadas para o Desenvolvimento (APPDs)

O relatório ressalta a importância das APPDs no desenvolvimento do Brasil, quais as ações do banco nessa linha e destaca ações setoriais do banco fomentando APPDs. Na busca de alguma documentação do banco para o Brasil, o relatório, embora focado nas APPDs, traz algumas seções e menções à mudança do clima que podem indicar aspectos a serem explorados.

A seguir trechos retirados do relatório na contribuição setorial em MC:

O BID dispõe de seis mecanismos financeiros distribuídos nas áreas de mitigação de gases de efeito estufa (GEE) e de adaptação à mudança do clima: Results based-finance , Guarantee Mechanisms e Securitization of receivables, lastreados em reduções de emissões de GEE, Comprehensive Risk Manangement, Parametric Insurance Schemes e Contingency Loans.

Do ponto de vista das Alianças Público-Privadas para Desenvolvimento, estes mecanismos trazem apoio através da capacidade de reduzir a taxa de juros do investimento total, inclusive por meio de recursos não-reembolsáveis, a partir de prioridades vinculadas aos resultados gerados em relação à mitigação de gases de efeito estufa e redução de vulnerabilidade frente aos impactos da mudança do clima.

- *Introdução de ferramentas de tomada de decisão para o gerenciamento de risco climático nos modelos de APPDs, ampliando a resiliência das infraestruturas no Brasil em relação aos eventos climáticos extremos e a mudança do clima;*
- *Desenvolvimento de mecanismos de garantia para reduzir o risco de implantação de tecnologias de baixo carbono e estratégias de resiliência em APPDs;*
- ...
- *Consideração dos mecanismos de financiamento associados à mitigação de emissões de GEE e de estratégias de adaptação aos efeitos adversos da mudança do clima como instrumentos que compõe as estruturas de capital das SPEs, inclusive por meio da introdução de componentes de redução de emissão de carbono nos contratos do Governo Federal e dos entes subnacionais que consideram investimento privado em infraestrutura pública.*

O texto acima não deixa claro se as ações mencionadas são recomendações, se são incorporadas pelo banco, etc.

Especificamente sobre as contribuições setoriais do banco para promoção de APPDs, no setor de **Mercados de Capitais e Instituições Financeiras**, o documento aponta que as ações programadas e ou em

andamento sobre incluem a “**Potencialização dos instrumentos de finanças climáticas, ambiental e social para alavancar APPDs**”, sem mais detalhamentos.

BID INVEST

O site do BID Invest, braço para setor privado do BID, aponta que o mesmo “tem desenvolvido enfoques e ferramentas que permitam reduzir e transferir os riscos dos investimentos, facilitar o desenvolvimento de alianças público-privadas, e fomentar a inovação financeira para adequar os produtos financeiros à nova realidade instável que a mudança climática apresenta”.

Também aponta que em infraestrutura o “BID Invest trabalha junto com o BID, que trabalha com o setor público, identificando a possibilidade de alianças público-privadas que incorporem considerações de adaptação a seus grandes projetos de infraestrutura como aeroportos, portos e rodovias”.

Expressam ainda que: “Em cada área do nosso negócio, desenvolvemos produtos financeiros e serviços de consultoria projetados para enfrentar os desafios da mudança climática. Os efeitos da mudança climática podem variar muito dependendo do tipo de empresa; portanto, ajudamos nossos clientes a analisar seus possíveis problemas e oportunidades: Onde estão os riscos mais importantes? Como eles podem ser gerenciados de uma maneira que faça sentido financeiro? Eles precisam adaptar as operações diárias às mudanças no clima? A cadeia de suprimentos tem o nível de adaptabilidade que poderia ter? Como você reduz sua própria pegada de energia? Quais são os custos e benefícios de fazer investimentos específicos? Os desafios da mudança climática poderiam abrir novos mercados?”

No entanto, não há mais detalhamento de como isso é feito, nem documentações orientadoras dessas ações.

CONTATOS

CONTATO EM MUDANÇA DO CLIMA DO BANCO

- Gerente do Setor de Mudança Climática e Desenvolvimento Sustentável: Juan Pablo Bonilla
 - Não foi encontrado email nem telefone
- Contato do BNDES: Steven Charles Collins – stevenc@iadb.org - +1202 279 0870

CONTATOS ASSOCIADOS À PUBLICAÇÃO E COM FOCO NO BRASIL

Coordenação do estudo:

- Ana Lucia Paiva Dezolt, Especialista Sênior em Gestão Fiscal e Municipal <ANAPA@iadb.org>
- German Zappani, Especialista Líder Fiduciário e Gestão Financeira <GERMANZ@iadb.org>
- Karisa Maia Ribeiro, Especialista Sênior em Transporte <KARISAR@iadb.org>

Membro da equipe especialista no tema:

- Thiago de Araujo Mendes, Especialista Associado Sênior em Mudança Climática e Sustentabilidade <THIAGODE@iadb.org>

CONTATOS NO BID INVEST

- Chefe em mudança do clima do BID Invest: Hilen Meirovich - hilenm@idbinvest.org
- Enrique Rebolledo: especialista de sinergias público-privadas em mudança do clima do BID Invest – escreve bastante sobre o assunto nos blogs, mas não foi encontrado email

EUROPEAN INVESTMENT BANK (EIB)

Outro banco pioneiro na consideração do clima em suas atividades, o Banco Europeu de Investimento (EIB), considera riscos climáticos em suas operações em investimentos há alguns anos. O banco já faz um *screening* seus projetos para mitigação e adaptação pelo menos desde 2013, através de suas salvaguardas ambientais e sociais, no entanto reforçou tal esforço, inclusive de uso de ferramentas, no lançamento de sua estratégia climática em 2015.

Embora fique **evidente que o risco climático e vulnerabilidades associadas sejam solidamente consideradas pelo banco na avaliação de projetos e o mesmo aponte o uso de ferramentas de *screening* e avaliação** para o mesmo, **as mesmas não foram encontradas** tampouco mais detalhes de suas características para além das perguntas de um *checklist*.

Se por um lado as ferramentas e suas descrições não estão disponíveis, o *Environmental and Social Handbook* (2013) dá orientações processuais claras de como incorporar tais critérios na avaliação de projetos e a *Climate Strategy* (2015) aponta as prioridades a serem seguidas pelo banco no assunto.

Environmental and Social Handbook (2013)

O manual de 2013 (constantemente atualizado) fornece às equipes do banco orientação sobre o planejamento e a gestão da avaliação ambiental e social dos projetos, em conformidade com as políticas ambientais e sociais estabelecidas. Trata-se de um completo guia de aplicação dos *standards* socioambientais do banco. Todos projetos passam por ele. Os *screenings* são realizadas em diferentes fases do ciclo de financiamento do projeto.

O volume 1 apresenta de maneira direta e exaustiva os princípios e standards que regem a avaliação socioambiental do banco. Baseado nas atividades de avaliação, gestão e monitoramento, descreve os passos para a consideração socioambiental apontando a responsabilidades internas. Reforça que o grau de detalhamento e esforço é proporcional ao grau de significância dos impactos. Entre os quase 10 *standards* e princípios (como os relacionados a Biodiversidade, Patrimônio Cultural, Reassentamentos etc.) há um capítulo para os standards relacionado a clima (*Climate-related Standards*).

No volume 2, após delimitar as diversas responsabilidades das equipes e áreas do banco na avaliação, apresentar os critérios de elegibilidade dos projetos (baseado em acordos e políticas do banco), tipos de operações e princípios gerais, o manual apresenta as duas fases:

- **Pré-avaliação:** antes de uma avaliação mais completa, todos projetos financiados passam por uma triagem e são classificados quanto aos impactos (A, B, C, D).
 - Trata-se de um *checklist* simples com questões sobre diversas dimensões como Biodiversidade, Social, Reputacional, Cultural e Clima, assim como orientações de avaliação gerais (perguntas a serem feitas).
 - Há detalhamento para alguns *screenings* (Legal, Social, Biodiversidade...). Para risco climático e vulnerabilidade o texto diz:
 - Avaliação de vulnerabilidade é baseada em três elementos: i) riscos climáticos da região, país, setor e localização do projeto; ii) capacidade do país/região de lidar com tais riscos baseado em seu nível de desenvolvimento ou ações em curso iii) capacidade do proponente de lidar com os riscos.
 - Se a equipe avaliar que o projeto é vulnerável, o proponente deve incorporar variáveis climáticas no desenho do mesmo e inserir medidas adaptativas. Inclui

também no caso de o projeto afetar a vulnerabilidade do país/local, podendo exigir mudanças de desenho.

- **Avaliação:** fase em que ocorre o *due diligence* socioambiental do projeto. O escopo do projeto é definido, ações de mitigação ou compensação de impactos são negociadas e incluem as dimensões supracitadas. O detalhamento e profundidade depende da categoria atribuída na fase anterior, assim como a própria complexidade do projeto.
 - *Climate Change Mitigation and Adaptation Due Diligence:* além das emissões, identifica efeitos específicos dos riscos climáticos do/no projeto e necessidades de adaptação.
 - Nessa fase entram as diversas legislações ambientais europeias e procedimentos como estudos de impacto ambiental, avaliações ambientais estratégicas, consulta a partes interessadas entre outros, sendo clima mais um elemento.
 - O manual possui uma seção de “*Climate assessment*” para guiar esse processo, mas é curto e superficial, somente retomando a importância de se fazer a avaliação de vulnerabilidades ao clima.

A apreciação do *Environmental and Social Handbook* deixa clara a completa integração (desde muito tempo) das problemáticas ligadas ao clima nos procedimentos de avaliação socioambiental clássicos do banco. Clima não aparece como um item separado dos processos de avaliação já consolidados. Por outro lado, não são apontadas informações e ferramentas específicas para as equipes avaliadoras tratarem um tema ainda novo e carente de dados e processos consolidados. A *Climate Strategy* parece buscar encaminhar essa aparente lacuna.

Climate Strategy (2015)

O EIB adotou a sua estratégia climática em 2015 baseado nos objetivos da política climática da União Europeia. A estratégia identifica três áreas fundamentais em torno das quais o EIB concentrará os seus esforços e incluem:

- Reforçar o impacto do investimento climático - o banco dedicará 25% de seus empréstimos a projetos de ação climática;
- Construir resiliência às mudanças climáticas, com o compromisso do banco de adotar as melhores práticas na adaptação e melhorar a triagem de risco do projeto; e
- Integrar as considerações relativas às alterações climáticas em todas as normas, métodos e processos do banco, entre outros aumentando a cobertura das políticas setoriais e melhorando as avaliações de risco climático e vulnerabilidade. (AECOM, 2017)

O documento reafirma que todos os projetos, durante a fase de avaliação, são analisados do ponto de vista dos impactos climáticos. Além da forte consideração de aspectos de mitigação, aborda riscos e vulnerabilidade:

“Climate change risk and vulnerability: For projects, sectors and areas particularly vulnerable to climate change impacts, we require the promoter to consider climate risks and to incorporate adaptation measures into project design and operation. We are rolling out a climate risk management system as part of our climate strategy implementation.”

De modo geral, sendo uma estratégia, o documento não apresenta ferramentas nem métodos, mas aponta intenções e prioridades do banco em desenvolver-las e aprimorar as já existentes. Uma ferramenta de *screening* piloto é mencionada e deve ser incorporada em todos projetos, além de um processo de avaliação de riscos e vulnerabilidades para o setor de recursos hídricos. Nenhuma documentação relacionada a essas menções foi encontrada.

Alguns trechos da Estratégia Climática:

- The EIB is committed to applying best practice in risk assessment, which includes the risk screening element to enhance the resilience of its investments, but also to investing in specific adaptation activities, such as in land and water resource management. This is a fast-moving field, in which expertise must continuously be developed, both within and outside EIB.
- All of the... adaptation-related activities of the EIB will be closely coordinated with the related work on disaster risk management.
- To build resilience to climate change impacts we will:
 - Increase the portfolio of adaptation operations
 - Develop the use of climate risk and vulnerability assessment
 - Make operations more resilient to climate impacts
- It is important for the Bank and its project promoters to understand climate risks for the most vulnerable projects. To identify the most vulnerable projects, the EIB has developed and piloted a screening tool, allowing assessment of the direct risks to Bank-supported activities linked to climate change. The use of this tool will be mainstreamed, and the tool will be further refined as experience is gained in its application. The EIB commits to screening all operations for direct risks from impacts from current and/or future climate change.
- Once vulnerable projects are identified, a full-fledged climate risk and vulnerability assessment can be carried out. A process for climate risk and vulnerability assessment has been developed and piloted for the water sector. When justified by the screening results described above, an assessment of climate risk and vulnerability is required of the project promoters. When needed EIB clients can also receive support based on an approach developed by EIB water and climate experts.

CONTATOS

- Não foram encontrados contatos específicos, além dos institucionais
 - Enquiries regarding the financing facilities, activity, organisation and objectives of the EIB: Information Desk
 - <http://www.eib.org/en/infocentre/contact-form.htm>
 - +352 4379-22000 | +352 4379-62000 | info@eib.org
- Existe um Environment, Climate and Social Office:
 - Nome possível: Monica SCATASTA - Head of Environment, Climate and Social Policy

KFW DEVELOPMENT BANK

O banco KfW de desenvolvimento provê fundos em nome do governo da Alemanha para países parceiros com objetivo de promover sustentabilidade. Assim, consideração da mudança do clima e responsabilidade socioambiental são requisitos para o financiamento de projetos, que passam por uma avaliação de sustentabilidade antes da implementação.

Como observado em outros bancos, a análise documental não deixa dúvidas de que a **mudança do clima**, sejam os aspectos de mitigação ou de adaptação, **é amplamente considerada na avaliação dos financiamentos, mas não há nenhum detalhamento de como essas avaliações (e screenings) são feitos, além de passos processuais genéricos.**

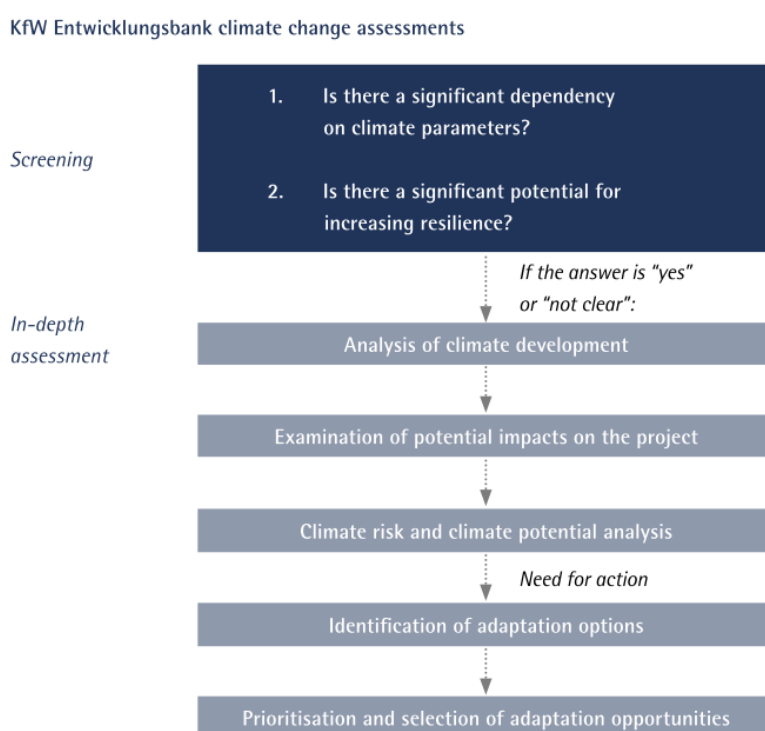
726931529 No caso do KfW, o principal documento é o guia *Sustainability Guideline - Assessment of Environmental, Social, and Climate Performance: Principles and Process* de 2016. É um guia generalista,

curto e objetivo que descreve os princípios e procedimentos para avaliar os impactos ambientais, sociais e climáticos das medidas de cooperação financeiras nas suas fases de preparação e implementação.

Interessante notar como mudança do clima está incorporada na temática da sustentabilidade, onde a avaliação segue basicamente sempre dois blocos: *Due Diligence* Socioambiental (ESDD) e Avaliação climática. Todos projetos passam por:

- Uma avaliação preliminar (*screening*), para determinar a relevância ambiental, social e climática e os riscos ambientais, sociais e climáticos de um investimento;
- A concepção e implementação de um ESDD, uma avaliação aprofundada da adaptação ao clima e / ou uma avaliação profunda da mitigação do clima, a fim de examinar todos ou alguns aspectos do investimento, incluindo abordagens participativas para envolver partes interessadas.

A seguir um esquema para a avaliação dos riscos climáticos:



Fonte: KfW, 2011.

A seguir, o texto mais detalhado e específico sobre a avaliação aprofundada de adaptação encontrada no guia:

“The in-depth climate adaptation assessment and consideration of the aspects related to climate change adaptation (climate resilience) should ensure that the desired developmental impacts of the Financial Cooperation (FC) measure are not endangered despite the forecasted effects of climate change. Furthermore, the assessment should analyse whether the partner country’s capacity for adaptation can be further increased in the framework of the FC measure. In this regard the expected climate changes and their consequences for the FC measure will be analysed. This includes both direct effects (e.g. more frequent flooding or drying out of agricultural areas) and indirect effects of climate change (e.g. revenue losses in agriculture). The analysis will also examine the longer targeted period of impacts beyond the formal implementation period of the FC measure. On this basis options will be developed and implemented to increase the capacity of the target groups or ecosystems to adapt, which are compatible with the climate strategy of the

country, e.g. the National Adaptation Plan (NAP) as part of the United Nations Framework Convention on Climate Change.”

O documento enfatiza a importância de tais análises, mas não detalha critérios objetivos para as classificações, perguntas norteadoras, nem menciona ferramentas utilizadas pela equipe de projeto do banco. Menciona, por outro lado, diversos *standards* que devem ser seguidos, como aqueles do governo da Alemanha, do país parceiro, para o ESDD segue o do Banco Mundial etc.

CONTATO

- KfW Development Bank Email: info@kfw-entwicklungsbank.de
- Environment and Sustainability Department:
 - nachhaltigkeit@kfw.de
 - <https://www.kfw.de/nachhaltigkeit/KfW-Group/Sustainability/Strategie-Management/Organisation/>Competence Center for Environment and Climate (LGc3) of the KfW Group. Aparece no IPEX KfW
- Agência do KfW Brasília:
 - Director KfW Office: Martin Schröder
 - SCN Quadra 1 - Brasília Trade Center , Sala 1706 - 70711-902 Brasília-DF
 - kfw.brasilia@kfw.de Phone +55 61 33 28 00 49
- Contato do BNDES:
 - Adrijan Rieth | adrijan.rieth@kfw.de | +49 69 7431 2529

REFERÊNCIAS

- ADB. (2011). *Guidelines for Climate Proofing Investment in the Transport Sector Road Infrastructure Projects*. Asian Development Bank - ADB. Retrieved from <https://www.adb.org/documents/guidelines-climate-proofing-investment-transport-sector-road-infrastructure-projects>
- ADB. (2013). *Building Resilience to Climate Change: Adaptation Technical Resources*. Asian Development Bank - ADB. Retrieved from <https://www.adb.org/sites/default/files/publication/30083/building-resilience-climate-change.pdf>
- ADB. (2014). *Climate Risk Management in ADB Projects*. Asian Development Bank - ADB. Retrieved from <https://www.adb.org/publications/climate-risk-management-adb-projects>
- ADB. (2017). *Climate Change Operational Framework 2017–2030: Enhanced Actions for Low Greenhouse Gas Emissions and Climate-Resilient Development*. Asian Development Bank - ADB. Retrieved from <https://www.adb.org/documents/climate-change-operational-framework-2017-2030>
- ADB. (2017). *Disaster Risk Management for Projects Preparation - A Practical Guide*. Asian Development Bank - ADB. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.22617/TIM178893-2>
- AECOM. (2017). *Review of Screening Tools to Assess Sustainability and Climate Resilience of Infrastructure Development*. WWF. Retrieved from <https://www.worldwildlife.org/publications/review-of-screening-tools-final-report-sep-2017>
- AfDB. (2011). *Climate Screening and Adaptation Review & Evaluation Procedures Booklet*. booklet, African Development Bank - AfDB. Retrieved from https://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Generic-Documents/CSS%20Basics-En_def.pdf
- AfDB. (2013). *Integrated Safeguards System - Policy Statement and Operational Safeguards*. African Development Bank - AfDB. Retrieved from <https://esa.afdb.org/page/documents>
- AfDB. (2015). *Environmental and Social Assessment Procedures (ESAP)*. African Development Bank - AfDB. Retrieved from <https://esa.afdb.org/page/documents>
- Andreas Georgoulas, M. I. (2016). *El Rol de las Políticas de Salvaguardias del BID en la Promoción de Infraestructura Sostenible Análisis Comparativo entre las Salvaguardias del BID y el Sistema de Calificación Envision*. Banco Interamericano de Desarrollo - BID.
- BID. (2007). *Implementation Guidelines for the Environment and Safeguards Compliance Policy*. Banco Interamericano de Desarrollo BID. Retrieved from <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=35597106>
- BID. (2008). *Disaster Risk Management Policy Guidelines*. Banco Interamericano de Desarrollo - BID.
- BID. (2011). *Estrategia integrada del BID de Mitigación y Adaptación al cambio climático, y energía sostenible y renovable*. Banco Interamericano de Desarrollo BID. Retrieved from <https://www.iadb.org/en/about-us/sector-strategies,1326.html>
- BID. (2015). *Climate Change Sector Framework Document*. Banco Interamericano de Desarrollo BID. Retrieved from <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=40013909>

- BID. (2016). *Contribuições setoriais para Promoção de Alianças Público-Privadas para o Desenvolvimento*. Banco Interamericano de Desenvolvimento BID. Retrieved from <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=40025815>
- BID. (2018). *Informe de Sostenibilidad 2017*. Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID. Retrieved from <https://publications.iadb.org/handle/11319/8815?locale-attribute=es&>
- EC. (2013). *Guidelines for Project Managers: Making vulnerable investments climate resilient*. European Commission, Directorate General - Climate Action.
- EIB. (2013). *Environmental and Social Handbook*. European Investment Bank - EIB. Retrieved from <http://www.eib.org/en/infocentre/publications/all/environmental-and-social-practices-handbook.htm>
- EIB. (2015). *EIB Climate Strategy*. European Investment Bank - EIB. Retrieved from <http://www.eib.org/en/infocentre/publications/all/eib-climate-strategy.htm>
- Hammill, A., & Tanner, T. (2011). *Harmonising Climate Risk Management: Adaptation Screening and Assessment Tools for Development Co-operation*. OECD. Paris: OECD Publishing.
- KfW. (2011). *Adaptation to climate change - Cooperation with developing countries - Climate and Development*. KfW.
- KfW. (2016). *Sustainability Guideline - Assessment of Environmental, Social, and Climate Performance: Principles and Process*. KfW. Retrieved from https://www.kfw-entwicklungsbank.de/PDF/Download-Center/PDF-Dokumente-Richtlinien/Nachhaltigkeitsrichtlinie_EN.pdf
- RWABIZAMBUGA, A. (2012). *Addressing climate risks in project cycle: AfDB's Climate Safeguards System*. Apresentação, African Development Bank - AfDB, Compliance and Safeguards Division.
- WB. (2016). *Climate Change Action Plan 2016–2020*. World Bank. Retrieved from <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/24451>
- WB. (2018, julho). *Climate & Disaster Risk Screening Tools*. Retrieved from <https://climatescreeningtools.worldbank.org/>
- WB. (2018, julho). *Climate Change Knowledge Portal - For Development Practitioners and Policy Makers*. Retrieved from <http://sdwebx.worldbank.org/climateportal/>
- WB. (2018). *World Bank Environmental and Social Framework*. World Bank. Retrieved from <http://pubdocs.worldbank.org/en/837721522762050108/Environmental-and-Social-Framework.pdf#page=15&zoom=80>

ANEXO: LISTA DE POSSÍVEIS PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

A seguir é apresentado uma lista de possíveis perguntas norteadoras para as entrevistas a serem realizadas com representantes ou indicados dos bancos escolhidos. As perguntas para cada banco irão variar de acordo com cada aspecto de interesse e elementos relevantes do banco, das informações previamente coletadas e sobretudo com a expertise da pessoa entrevistada. A lista, deve, portando, ser encarada como um apanhado abrangente e inspirador a ser customizado, assim como complementado.

Obs.: optou-se por manter o texto original em inglês de algumas fontes, uma vez que as entrevistas provavelmente serão em inglês.

O grupo de entrevistados foi dividido em três possíveis perfis: institucional, desenvolvedor e usuário. Eles não são exaustivos e podem se sobrepor.

Perfil institucional: entrevistado que tem visão mais ampla do processo de adoção da análise de risco climático pela instituição, seus aspectos de governança, objetivos e histórico, sem necessariamente aprofundamentos no desenvolvimento, uso e detalhamento da(s) ferramenta(s) em si. Os principais objetivos e perguntas da entrevista podem ser:

- Quais as motivações para incorporar análise de risco climático? Objetivos?
- De onde ela veio? Qual histórico de sua adoção?
- Quais os usuários e aplicação pretendidos? Quais de fato estão sendo aplicados?
- Impacto que teve na organização?
- Fatores de sucesso para sua adoção e aplicação?
- Qual esforço institucional colocado? Como?
- Quais parcerias foram necessárias, em que fase, como?
- Lições aprendidas?
- Futuros desenvolvimentos?

Perfil de desenvolvedor: conhece os processos e ferramentas envolvidas na análise de risco climático, assim como seus detalhes técnicos. Principais objetivos da entrevista são compreender e identificar:

- Motivação e processo de desenvolvimento (de onde veio – *stimulus*)
- Usuários, aplicação e resultados pretendidos
- Impacto da ferramenta na organização
- Lições aprendidas e futuros desenvolvimentos

Perguntas:

- Process of developing the tool
 - Where did the idea come from? (why did your organization develop a tool?)
 - Who developed the tool?
 - What was the process for developing the tool? How long did it take? What kinds of resources were required?
 - Did you look at other tools in developing yours? If so, which one(s)?
 - Current status (e.g. testing/piloting, application, revision)?
 - Where has it been used, and to what extent?
- Tool user
 - Who did you have in mind when it was developed?
 - What (minimum) capacities and resources do your users need?
- Tool steps, components

- What are the objectives of using the tool? (i.e. what is the problem you are trying to address?)
- What are the human inputs required for using the tool?
- What type of technical information and knowledge is needed?
 - Role of climate science?
 - Role of vulnerability analysis?
 - How is uncertainty around future climate addressed?
- Are issues such as gender and local knowledge addressed?
- What are the outputs?
- What has (or will) this tool done for your organization
 - Organizational awareness rising?
 - Corporate policy changes?
- Lessons in its application
 - What were some of the most important enabling factors in the development of the tool?
 - Some of the biggest obstacles and challenges?
 - How do you think you, your organization, and your partners have benefited most from developing the tool?
 - In terms of the use of the tool itself, what do you think are its greatest strengths/assets?
 - What do you think are its greatest limitations?
 - Advice for future tool developers?
 - How the tool was perceived by the clients?
- Results:
 - Which results were achieved with the tool application?
 - How those results were measured?
 - The targets were achieved?

Perfil de usuário: possíveis usuários de dentro ou fora da instituição que passaram a incorporar a análise de risco climático em suas atividades, usando os guias e ferramentas disponibilizados. Principais objetivos da entrevista são compreender e identificar:

- Razões por que aplicou (análise/ferramenta) – motivações
- Sua experiência em aplicar a ferramenta e feedbacks
- O perfil do usuário típico, necessidade de treinamento e background

Perguntas:

- Professional profile (inside, outside the institution?)
- Decision-making context
 - Does your work involve mainly: Strategic decision-making (where to work, on what issues, with whom) | Programme development | Project design | Project implementation | Partnership management | Capacity development | Communications
- Using the tool
 - What prompted you to pick up the tool? (personal interest, part of project, directions from the top, etc.)
 - Did you have a choice of tools to use? If so, what were the others and why did you settle on this one – i.e. what were the distinct advantages?
 - What was the specific purpose for which you have used this tool?

- What was the process for using the tool, including an example?
- What were the outputs associated with using the tool?
- Impressions
 - What do you think of the process involved in using the tool – strengths, challenges, limitations?
 - In terms of outcomes – strengths, limitations?
 - What purpose(s) does it serve (ranking?)
 - Awareness-raising (within the organization, partners, communities)
 - Strategic programme design / direction
 - Project design (in terms of priority sectors, beneficiaries, concrete activities, human/technical/financial resource needs)
 - Partnership-building
 - How would you change or elaborate the tool/process?

Outras perguntas sugeridas pela equipe de projeto:

- As análises de risco climático têm gerado custos de readequação dos projetos? Se sim, que tipo de custos e qual magnitude?
- Houve caso de negativas de projetos após a análise de risco de MC? Qual a motivação: Não foi possível readequações ou o proponente se recusou a ajustar o projeto ou o mesmo perdeu o objetivo?
- Aprofundamento das perguntas sobre o uso da informação sobre projeções futuras de MC.
 - Quais modelos são usados nas análises, que tipo de variáveis por tipo de tema nos projetos, quem provê as informações, como elas são acessadas, como estão organizadas, qual escala requerida etc.
- Que tipo de limitações legislativas (no âmbito do arcabouço normativo do país do proponente dos projetos) o Banco se depara quando do pedido de adequação de projetos, se for o caso, ou em qualquer outra fase da análise de risco associado à MC?
- Pergunta sobre análise custo-benefício: é usada? Como? É forma de convencer sobre necessidades de readequações dos projetos ou mesmo justificar negativas?
- Pedir casos concretos, que possam eventualmente ser compartilhados, a exemplo do que existe de forma pública no IFC.

Em resumo, sempre buscar compreender: resultados, lacunas, desafios e recomendações.